

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: LEITÃO DE CARVALHO, EURICO DUTRA e DALTRÔ FILHO

N.º 103

Rio de Janeiro, Janeiro e Fevereiro de 1922

Anno IX

PARTE EDITORIAL

A nova organização do Exército

OM a data de 31 de Dezembro do anno findo, foi publicada a nova organização do Exército em tempo de paz.

Esperada, desde alguns meses, com certa anciadade, por quantos se acham directa ou indirectamente interessados na aprendizagem dos aperfeiçoamentos introduzidos na arte da guerra pela grande luta européia, ella representa a consagração official e a generalização a todo o Exército das idéas sobre a composição das unidades e sua dotação em amento, já adoptados nos exercícios quadros e nos trabalhos táticos exercidos nas escolas a cargo da Missão

conservando, como conservou, da organização anterior tudo quanto, indicado nossas condições especiaes de paiz nso, de população rarefeita e escasmeios de communicação, já tinha melo a sanção da experienca, — o Es-

Maior do Exército fez obra intelli- e proficia.

configuração de nossa fronteira ter- e a importancia, muito diferente, têm para nós, do ponto de vista ar, os paizes que nos cercam, tor- impossível a repartição das grandes ides de uma forma regular por todo rritorio: o centro de gravidade da massa de tropas ha de cahir fa-

talmente no sul do paiz, sob pena de agravarmos, com medidas de ultima hora, as difficultades naturaes que já de si embaraçam a concentração do nosso Exército.

A parte sul da Republica, por uma fatalidade politico-geographica, tem de suportar um onus muito mais pesado na contribuição para o serviço militar, aliás com vantagens economicas; enquanto que, no Norte, pouco se faz sentir a colaboração insubstituivel das unidades do Exército na obra da cultura civica e no desenvolvimento muscular da mocidade.

Assim, a organização agora instituida manteve as sete Regiões e as duas Circumscrições Militares já existentes, cada uma dellas abrangendo as mesmas unidades da Federação.

A nossa ordem de batalha teve as suas cinco *Divisões de Exército* substituidas por outras tantas *Divisões de Infantaria*, forte, cada uma, de 12 batalhões de infantaria, 10 grupos de artilharia (6, montada; 3, pesada; 1 de montanha), 1 regimento de cavallaria, 1 batalhão de engenharia, 1 esquadrilha de aviação, e 1 companhia de transmissões, incorporada, no tempo de paz, ao batalhão de engenharia. Os seus estados-maiores estão organizados desde o tempo de paz, dotados com o pessoal e os órgãos dos diversos serviços.

Não nos parece decorrer nenhuma vantagem na mudança da denominação de Divisão de Exército para Divisão de Infantaria. Entre nós, onde as Divisões representam o mesmo papel do Corpo

de Exercito na Europa, affigura-se-nos mais acertada a antiga denominação, pois, apezar da inexcedivel importancia da infantaria na composição de uma grande unidade, não se pôde chamar, com propriedade, Divisão de Infantaria a um conjunto de tropas de todas as armas, no qual, para 12 batalhões de infantaria, ha 10 grupos de artilharia...

As quatro primeiras D. I. estacionam, respectivamente, nas 1.^a, 2.^a, 3.^a e 4.^a Regiões, emquanto que a 5.^a fica distribuida pelas 5.^a, 6.^a e 7.^a Regiões e 2.^a Circumscripção, com seu Q. G. em Curityba.

As 3 brigadas de cavallaria independentes, da antiga organização, foram transformadas em outras tantas Divisões de Cavallaria, organizadas desde o tempo de paz, com séde na 3.^a Região, e composta, cada uma, de estado-maior, 4 regimentos de cavallaria, 2 grupos de artilharia a cavallo, 1 batalhão de infantaria montada, 1 esquadrão de transmissões e 1 esquadrilha de observação.

O problema da guarnição de Matto Grosso, região de importancia secundaria no caso de uma guerra, mas nem por isso destituída de valor, recebeu uma solução intelligente, que nos parece satisfazer perfeitamente as exigencias militares d'aquellea parte do nosso territorio: uma brigada mixta, dispondo de um estado-maior com todos os serviços, e comprehendendo 3 batalhões de caçadores, 2 regimentos de cavallaria independente, 1 regimento de artilharia mixta (1 grupo pesado, 1 montado e 1 de montanha), 1 batalhão de engenharia e 1 esquadrilha mixta de aviação.

A artilharia de costa fica constituida de 5 grupos e 8 baterias, com effectivos variaveis segundo a importancia das fortificações que guarnecem, formando os grupos e baterias existentes no litoral do Districto Federal, com suas guarnições, um Districto de Artilharia de Costa, comandado por um general de brigada.

Como elementos independentes, adscritos directamente ao Exercito, consigna a organização 3 regimentos de artilharia sada (de 4 grupos), uma companhia de carros de assalto, 3 esquadrilhas de caça e 3 de bombardeio e varios contingentes especiaes.

No que diz respeito á constituição dos corpos de tropa, merece ser assinalada a dotação dos régimentos de infantaria com uma companhia de metralhadoras sadas (3 secções de metralhadoras sadas e 1 de apetrechos de acompanhamento); a dos batalhões incorporados com um pelotão de metralhadoras levadas a dos batalhões de caçadores, com uma companhia de metralhadoras mixtas (1 secção de metr. leves e 1 de apetrechos de acompanhamento).

Os batalhões de infantaria montados destinados a servirem de apoio ás D. I. são constituidos de 3 companhias de infantaria e uma de metralhadoras pesadas, menos a secção de apetrechos de acompanhamento.

Os regimentos de cavallaria foram tambem dotados com um pelotão de metralhadoras leves.

Estabelece a nova organização que o commando das 4 primeiras Regiões compete exclusivamente a generaes de divisão, os quaes têm, ao mesmo tempo o commando das D. I. nellas estacionadas; as 1.^a e 2.^a Circumscripções são comandado de General de Brigada, sendo a coroneis de infantaria o mando das Regiões 5.^a, 6.^a e 7.^a, comprehendem a parte N. E. da Republica onde as guarnições são constituidas geral, por batalhões de caçadores.

No ambito do alto commando, se o cargo de Inspector de Regiões, privativo de general de Divisão, prescreve-se uma disposição nova contrariando embora veihos princípios integrantes de nossa legião militares cimentados por uma longa pratica na guerra, offerece reaes vantagens

exercicio do commando: deixando de lado o antigo criterio de que a antiguidade no mesmo posto dá precedencia, estabelece o novo conceito, segundo o qual «a precedencia e autoridade de commando entre os Generaes de Divisão, posto mais elevado da hierarchia militar em tempo de paz, regula-se pelo cargo ou função que exercem». De accôrdo com essa nova regra de precedencia hierarchica, possuem os Inspectores de Região precedencia e commando sobre todos os generaes de Divisão que exercem cargos na tropa ou territorio sujeitos á Inspecção, cabendo ao Chefe do Estado-Maior do Exercito aquella autoridade sobre todos os generaes de Divisão, inclusive os Inspectores.

Na previsão de que nem todas as unidades poderão ser organizadas desde logo, o decreto do Executivo determina que só á medida que fôr possivel constituí-las effectivamente, dispondo de material e alojamento, sejam elles organizadas, preenchendo-se os postos de officiaes dos respectivos quadros; e dá ao Estado-Maior do Exercito a incumbencia de apresentar annualmente á approvação do Governo a proposta das unidades naquellas condições, indicando-lhe a ordem de urgencia de sua organização.

Assim, não serão provisoriamente organizados:

na infartaria, um regimento, os 3 batalhões de infartaria montada e quatro quartéis generaes de brigada;

na cavallaria, um quartel general de Divisão, dois de brigada e quatro depositos de remonta;

na artilharia, um regimento de artilharia montada, tres de artilharia pesada, tres grupos a cavallo, tres de montanha, os terceiros grupos da artilharia montada, os segundos e terceiros da artilharia pesada e os quartéis generaes de brigada;

na engenharia, um batalhão e um esquadrão de transmissões.

Consultando-se os quadros annexos ao decreto de organização, vê-se que o efectivo total do Exercito em tempo de paz, quando todas as unidades estiverem effectivamente organizadas, é de 74.460 homens, dos quaes, 32.165 de infartaria; 12.479 de cavallaria, 21.383 de artilharia de campanha, 1.429 de artilharia de costa, 4.096 de engenharia, 88 da companhia de carros de assalto, 1.175 das esquadrilhas de aviação, e 1.645 dos contingentes especiaes.

O quadro de officiaes combatentes fica com 3.956 officiaes de todos os postos, sendo 24 generaes, 624 officiaes de cavallaria, 1.493 de infartaria, 1.183 de artilharia, 283 de engenharia, 349 de todas as armas para varios serviços.

Os contingentes especiaes destinam-se aos estabelecimentos de instrucção do Exercito, aos depositos de remonta, fábricas, depositos, fortalezas, Carta Geral do Brasil, Serviço Geographico Militar, postos de fronteira e Linhas telegraphicas de Matto Grosso.

Parece-nos que só vantagens haveria em terem sido fundidos num só os serviços da Carta Geral do Brasil e o Geographico Militar, pois não se comprehende que subsistam independentes esses dois departamentos militares, destinados a um fim commun e agindo separadamente.

O que, porém, aberra por completo, do espirito profissional que presidio ao exemplido trabalho do Estado-Maior do Exercito, é a concessão de um contingente militar permanente, com efectivo de uma companhia e varios sargentos, para guarda das linhas telegraphicas do Estado de Matto Grosso, que estão, ou devem estar, a cargo da Direcção Geral dos Telegraphos e, portanto, na dependencia do Ministerio da Viação. A vencer esse criterio, nada impede que venha a incumbir ao Exercito a conservação da rede telegraphica dos demais Estados.



Notas sobre Historia Militar do Brasil

Resumo da Guerra do Paraguai

Marcha para Corumbá

Tomando o rumo de Corumbá, os paraguaios ocuparam de passagem a povoação de Albuquerque e o estabelecimento de Dourados, neste ultimo ponto encontrando a mesma brilhante resistencia que já haviam experimentado no forte de Coimbra.

Seu commandante, o bravo tenente de cavallaria Antonio João Ribeiro, prevenido a 28 de Debro de que seria atacado, enviou essa noticia por um de seus soldados ao commandante da colonia militar de Miranda e ao tenente-coronel Dias da Silva, em Nioac, preparando-se para morrer como um heróe, que o foi, ao lado dos 15 soldados apenas de que dispunha.

Terminando o seu bilhete, traçado a lapis, escreveu o heroico cavallariano brasileiro: «*Sei que morro; mas o meu sangue e o de meus companheiros servirá de protesto solenne contra a invasão do sólo de minha Patria!*»

De facto, a 29 de Dezembro, o major Urbieta, à frente de 220 soldados paraguaios, entra na colonia, mas após haver passado pelo cadaver de Antonio João e pelo de seus heroicos companheiros.

Esse episodio por si só enche de orgulho uma nação!

Proseguindo nas operaçōes, o coronel Resquin destacou nesse mesmo dia uma columna de 2.000 cavallarianos, com 6 bocas de fogo, contra Nioac e Miranda, cuja posse ordenará aos seus subordinados.

Achava-se em Nioac, como vimos, o tenente-coronel José Antonio Dias da Silva, commandante do corpo de cavallaria de Matto Grosso, e que, prevenido dos acontecimentos, conseguira reunir 130 homens, com o auxilio do capitão Pedro José Rufino, tenente Manoel Perreira de Mesquita, alferes José Felipe Santiago, sargento-quartel-mestre João Baptista de Arruda Penteado e cadete José Gonçalves de Oliveira, aos quaes se juntaram os voluntarios civis Victorino Baptista Dias Prestes, José Maria Anselmo Tavares e Pedro Troz, ordenando que as familias se retirasse do povoado e que o casco do batalhão de caçadores viesse de Miranda.

Destacando em seguida uma patrulha de official em reconhecimento ao inimigo, pouco depois marchou ao seu encontro, fazendo a vanguarda de columna o capitão Pedro Rufino com o alteres Silva e 20 soldados.

A's 8 horas da manhã de 31 de Dezembro, a pequena columna attingio o rio Desbarrancado, onde soube que o inimigo se achava dahi a meia legua.

Dirigindo-se para o inimigo, o tenente-coronel Dias da Silva fez-se preceder de um estateta, portador de um officio ao commandante das tropas paraguaias.

Nesse officio, o tenente-coronel Dias da Silva protestava contra a invasão do territorio brasileiro em plena paz e pediu uma entrevista ao chefe paraguayo, cujas intenções desejava saber.

Como resposta, recebeu elle o seguinte officio: «*Sr. comandante de la fuerza brasiliense. — Su entrevista comigo será inutil, y debo intimar*

a U. rendicion con toda su tropa dentro de media hora, ó sinó será perseguido con los rigores de la guerra. — *Francisco G. R.*»

Esta nota foi contestada pelo tenente-coronel brasileiro nos seguintes termos:

«*Sr. commandante da força paraguaya. — Recebi sua contestação sobre a minha proposição. Não me posso render na meia hora precisa, como desejo, porque tambem tenho forças para defender-me. Quanto á sua entrada no territorio, protesto contra ella; e de tudo vou levar conhecimento ao meu governo. — Rio Feio, 31 de Dezembro de 1864. — José Antonio Dias da Silva, tenente-coronel commandante.*»

Fracassado assim o entendimento que o tenente-coronel Dias da Silva propuzera, não tardou que a artilharia paraguaya iniciasse o ataque contra o destacamento brasileiro, que se foi retirando e combatendo na direcção do rio Santo Antonio, manobrando sempre de forma a evitar o envolvimento projectado pelo adversario e poder conseguir, como conseguiu, destruir a ponte existente no rio Desbarrancado.

Durante esse tiroteio, a columna brasileira perdeu 2 cabos de esquadra, 5 soldados e o voluntario Pedro Troz, mortos durante a acção, conseguindo, porém, pôr fôra de combate mais de 80 paraguaios.

Consciente da inferioridade numerica de seu destacamento, o tenente-coronel Dias da Silva procurou judiciosamente na manobra realizar o seu intuito, que era ganhar tempo para provisões ulteriores.

Por isso, deixou elle, pouco depois, o capitão Pedro Rufino com o destacamento, incumbindo-o de proseguir no retardamento do avanço do adversario, e seguiu para Miranda com alguns companheiros, afim de promover a evacuação da villa e o transporte dos archivos e bagagens dos corpos para Salobre, a 3 leguas de distancia, o que realizou.

Entregando em seguida o commando da praça ao major da Guarda Nacional Caetano da Silva Albuquerque, seguiu para Albuquerque, mas retrocedendo logo após para Miranda, por ter tido a noticia da tomada do forte de Coimbra.

Reunio elle, então, todos os elementos que pôde e retirou-se em direcção de Albuquerque.

Acompanharam-n'o 7 officiaes, 37 soldados do corpo de cavallaria, 63 soldados do batalhão de caçadores e varias familias, aos quaes se juntaram pouco depois mais 16 soldados do batalhão de caçadores com o 1.º sargento Elias Leite do Nascimento.

A columna paraguaya invadio então a colonia de Miranda, proseguindo nas suas barbaras depredações de toda a zona percorrida, arrabanhando mais de 80.000 cabeças de gado, saqueando casas, incendiando tudo, até o Coxim, onde penetrou a 24 de Abril de 1864.

Permanecendo nesse ponto durante seis dias, a columna inimiga contramarchou depois pela villa de Miranda e por Nioac, onde se juntou à columna do major Urbieta, seguindo rumo da fronteira do rio Apa.

Deante dessa situação, o presidente da então provincia de Matto Grosso nomeou o velho chefe de esquadra reformado Augusto Leverger, posterior barão de Melgaço, commandante superior interino da Guarda Nacional, confiando-lhe a defesa da capital.

Acceitando a incumbencia, o commandante Leverger tratou logo de organizar os elementos da defesa, partindo para Melgaço, que fortificou, collocando no rio como auxiliares os pequenos vapores *Cuyabá*, *Corumbá* e *Jaurú*, armados cada um com 2 rodizios.

As tropas constituiam-se de 1.105 homens, com 8 bocas de fogo, além dos rodizios dos vapores.

Eram elementos demasiado fracos, difficilmente congregados e apparelhados para a luta, mas mesmo assim, diante dessas providencias, de que tiveram noticia, os paraguayos desistiram de proseguir no avanço contra a capital da então província.

E foram bem avisados, pois que nessa occasião já Cuyabá também dispunha de alguns recursos; tinha 4.000 homens promptos para sua defesa e o fogo sagrado do patriotismo inflamava o coração dos brasileiros.

Expedição contra o invasor

A repercussão dos factos descriptos na capital do paiz, impressionando vivamente o governo do imperio, compenetrado então da grande responsabilidade que lhe cabia, levaram-n'o a tomar sérias providencias, tendo por objectivo repellir energicamente o invasor do sólo patrio.

Nestas condições, chamou elle ás armas a Guarda Nacional nas províncias de Minas Geraes, São Paulo e Goyaz, nomeando o coronel Manoel Pedro Drago para commandante das armas e presidente da província invadida.

Entretanto, os contingentes fornecidos pelas tres províncias não attingiram ao efectivo que se esperava e uma série enorme de difficuldades, pessimos caminhos, etc., mais ainda contribuia para embarraçar o inicio das operações.

O coronel Drago recebera a incumbencia de marchar para Miranda, a situação não permitindo delongas, apesar das difficuldades sem conta a vencer.

Com um efectivo apenas de 568 homens, o coronel Drago marchou de São Paulo a 10 de Abril de 1865, attingindo Uberaba a 18 de Julho, tendo percorrido 500 kilometros em 99 dias e chegando a esse ponto com o efectivo reduzido a 366 homens, pois que, não obstante ter encorporado alguns contingentes no caminho, 166 soldados desertaram e 6 faleceram durante a penosa marcha.

Em Uberaba juntou-se a elle a columna mineira, formada pelo 17.º batalhão de Voluntários da Patria, sob o commando do tenente-coronel em comissão Antônio Enéas Gustavo Galvão, do corpo fixo de Minas e do corpo policial da mesma província, organisada em brigada, sob o commando geral do coronel José Antônio da Fonseca Galvão e com um efectivo de 1.209 homens, o que elevava o efectivo total das tropas a 1.575 homens, com 12 canhões.

Depois de uma longa demora e da troca de correspondencia entre o coronel Drago e o governo, a columna marchou, já a 4 de Setembro, na direcção de Santa Rita de Paranahyba, attingindo o rio dos Bois a 9, depois de um percurso de 385 kilometros, gastando na travessia do rio 14 dias e só chegando a Santa Rita no dia 29, já sob o commando do coronel José Antônio da Fonseca Galvão, pois que a 19 o coronel Drago se retirara para a Corte, onde

foi submetido a conselho de guerra, depois de exonerado do commando, em virtude da morosidade com que se houve no desempenho de sua comissão e por não ter cumprido a ordem do governo, que determinaria a marcha por Sant' Anna do Paranahyba.

Foi então nomeado commandante das armas e presidente da província de Matto Grosso o chefe de esquadra reformado Augusto Leverger, agraciado com o título de barão de Melgaço.

Continuando a marcha, a columna expediçãonaria chegou a 31 na villa das Dôres do Rio Verde e a 8 de Dezembro no logar denominado Polvora, depois de um percurso de 616 kilometros, desde o rio dos Bois.

No dia 16, a columna fez juncção com as forças que haviam marchado de Goyaz sob o commando do tenente-coronel Mendes Guimarães e que eram compostas de 1 batalhão de infantaria e 1 esquadrão de cavallaria, iniciando nesse mesmo dia a passagem do rio Tacyary, operação que só terminou a 20.

Logo depois acampou ella em Coxim, antiga colônia militar, destruída pelos paraguayos, tendo percorrido mais 105 kilometros de pessimos caminhos, e já desde o dia 15 os paraguayos tinham sido assinalados no correlo Jaboty.

Se a columna houvesse seguido o itinerario designado pelo governo, a etapa a percorrer teria sido de uns 200 kilometros a menos, mas a zona a percorrer seria por demais accidentada, se bem que o mesmo governo houvesse mandado escalaron pela estrada alguns recursos para a expedição.

Parece que um reconhecimento prévio da zona, como se impunha, teria fixado o itinerario pelos seguintes pontos: Uberaba, Sant' Anna do Paranahyba, Porto do Meio, no rio Pardo, Porto da Cachoeira, no rio Aíhanduhy-guassú, e Santa Rosa, base das operações, onde poderia a expedição receber recursos por agua e por terra, quer do Paraná, quer de S. Paulo.

A expedição, que acampou junto á corredeira do Benigno, um pouco ao norte da confluencia dos rios Coxim e Taquary, estava dividida em 2 brigadas, a 1.ª composta do 17.º de Voluntários da Patria, do commando do tenente-coronel Antônio Enéas, do 21.º de infantaria de linha, do commando do major José Thomaz Gonçalves, e do corpo de artilharia do Amazonas, do commando do major João Evangelista Nery da Fonseca, com um efectivo total de 1.157 homens; a 2.ª composta do esquadrão de cavallaria de Goyaz, com 2 companhias, respectivamente commandadas pelos capitães Joaquim Alves de Oliveira e João Damasceno de Albuquerque, do 20.º de linha da mesma província, dos voluntários e da polícia de S. Paulo e Minas Geraes, com um efectivo total de 914 homens.

O commandante geral era o coronel Fonseca Galvão, que não poucas difficuldades teve de vencer no desempenho arduo de sua penosa missão.

Felizmente, graças á intatigavel actividade do distinto brasileiro Dr. Ferreira França, presidente de Goyaz, pôde a columna receber uma grande parte dos recursos de que necessitava, apesar dos tropeços sem conta que aquelle presidente teve de enfrentar e que nem sempre puderam ser vencidas, dando margem a que não

caro a columna se encontrasse nas mais penosas situações.

A estação chuvosa, além disso, deteve ainda a columna por algum tempo em Coxim, não obstante o desejo ardente do coronel Galvão de expulsar o trefego adversario do distrito de Miranda.

Entretanto, por informações recebidas, soube o coronel Galvão que haveria possibilidade de abrir-se uma trilha que, margeando a base da serra, permittisse despontar os pantanaes até o Aquidauana, de modo que ordenou elle ao capitão Antonio Pereira do Lago e 2.º tenente Escragnolle Taunay que procedessem a um reconhecimento na zona indicada.

No cumprimento dessa missão, os dois engenheiros militares trabalharam de 13 de Fevereiro a 2 de Abril, indo até o Aquidauana e descobrindo as avançadas paraguayas, formadas por um destacamento de 100 praças estacionado nas proximidades do Porto Pires, depois de haverem atravessado o Taquary, com uma largura de 150 metros, e o rio Negro, este com 60 metros de largura, $2\frac{1}{2}$ de profundidade e uma velocidade de 0m,70 por segundo.

Os pontos escolhidos pelos dois officiaes para itinerario da columna foram: 1.º o pouso dos Buritys, a 18 kilometros do acampamento de Coxim; 2.º o ribeirão da Matta, a 16 kilometros; 3.º o ribeirão Verde, a 12 kilometros; 4.º Lageadinho, a $15\frac{1}{2}$ kilometros; 5.º o corregu da Volta, a $21\frac{1}{2}$ kilometros; 6.º o corregu Fundo, a 15 kilometros; 7.º o rio Negrinho, a $18\frac{1}{2}$ kilometros; 8.º o rio Negro, a 19 kilometros; o que representava um percurso total de $135\frac{1}{2}$ kilometros approximadamente até o ultimo ponto indicado.

Quanto á situação do inimigo, o reconhecimento conseguiu verificar que elle dispunha na zona já por elle classificada de Distrito Militar de Mobotety (denominação dada ao rio Miranda, tambem conhecido por Aranhahy e Guaxihy) dos seguintes elementos:

Em Dourados e Miranda, 100 praças; em Brilhante, 100; em Sete Voltas, 10; em Vacaria, 100; em Agua Fria, 30; em Nioac, 500; em Taquarassu, 200; em Porto do Souza, 200; tudo no total de 1.240 homens.

Além disso, tinham ainda os paraguayos guarnições na fronteira do rio Apa e ocupavam Corumbá, Albuquerque e o forte de Coimbra.

De posse de todas essas informações, o coronel Galvão, já então brigadeiro, marchou á testa da 1.ª brigada para o rio Negro, onde chegou a 8 de Maio, ali aguardando a chegada da 2.ª columna que ficará em Coxim.

A 2.ª columna, reforçada por 1 batalhão de Voluntarios vindo de Goyaz, alcançou a 1.ª já em meados de Maio.

Chuvas torrenciais desencadeadas então deixaram a columna inteiramente ilhada, as aguas dos rios e pantanos quasi tudo inundando, enquanto a fome, a angustia e as doenças recomendavam sua faina terrível.

Os engenheiros Jose Pinto Chichorro da Gamma e Fragoso, affrontando os obstaculos, debalde procuraram uma sahida, o primeiro falecendo de beri-beri e o segundo resistindo á molestia, mas sendo forçado a regressar ao Rio de Janeiro.

Deante dessa situação, que se aggravava de dia para dia, indefinidamente, sem uma esperança de melhora, o bravo brigadeiro Galvão não pôde resistir e veio a falecer no dia 13 de Junho.

(Continua)

Nilo Val.

Transferidores para Artilharia

Já antes da guerra européa os nossos officiaes sentiam a grande necessidade de um transferidor em millesimos que lhes permittisse, com maior rapidez, comodidade e precisão, preparar o tiro na carta; isto é, organizar aquillo que podemos chamar — *o plano de bateria*.

Uma primeira e bôa solução foi conseguida com o transferidor de aluminio e respectiva regua typo «Novaes».

Em meados de 1920 o Sr. Rudolf Heins, da actual firma Petersen & Heins, Ltd., apresentou aos officiaes do 1.º R. A. M. alguns typos de transferidores empregados pelos allemães naquella guerra.

Julgando prestar um pequeno serviço aos camaradas que possuam tão preciso instrumento, damos aqui a traducção das instruções que acompanham os typos principaes.

* * *

a) Transferidor sistema Pfeifer, 1918

O transferidor consiste em uma placa transparente cuja forma é a de um semi-círculo prolongada por um rectangulo.

Elle contem:

Uma graduação exterior com numeração dupla;

Uma dita interior com numeração simples;

Círculos concentricos de distancia na escala de 1:100.000;

Escalas de 1:80.000 e 1:126.000 sobre sua superficie e escalas de 1:100.000 e 1:25.000 na regua de celluloide que o acompanha;

Um quadriculado na escala de 1:100;

Planos quadriculados nas escalas de 1:25.000 e 1:20.000;

Um cordel vermelho no centro dos círculos concentricos.

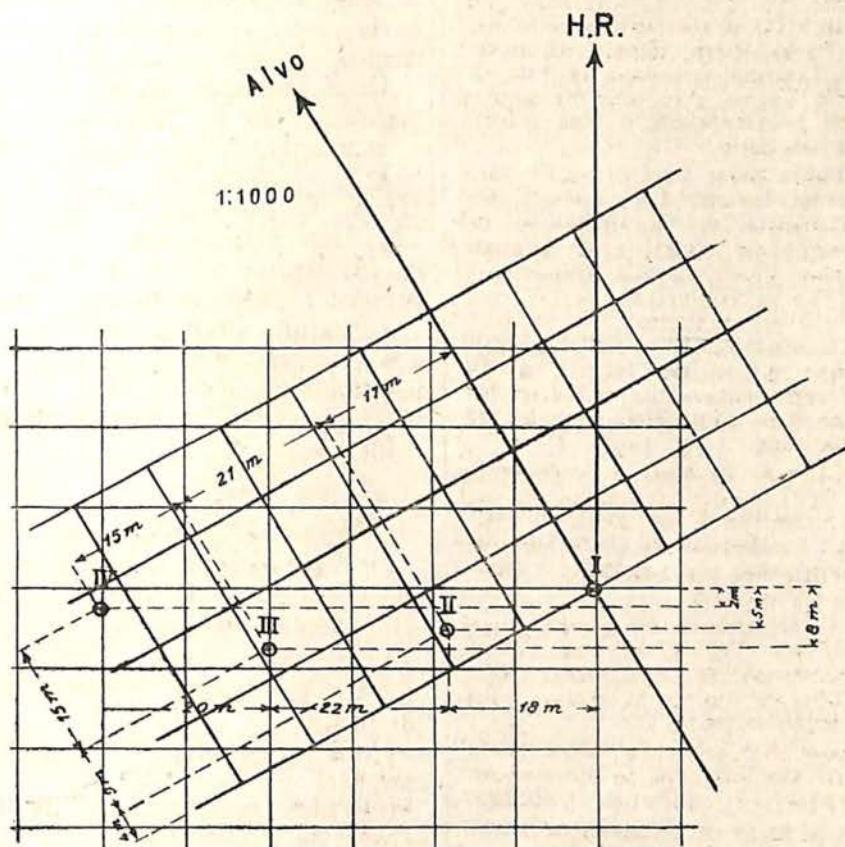
1. O transferidor serve para transportar para a carta ou planta directriz (1) da bateria todas as medidas feitas no terreno com o goniometro ou com a luneta.

(1) Plano director, como afrancezadamente se diz agora.

2. Com o exercicio de tiro na carta serve elle para determinação da direcção do tiro e da distancia, assim como, para a correção em alcance e direcção na mudança de objectivo. O posição de fogo da bateria deve ser exactamente fixada na carta e na planta directriz e o orificio do transferidor ficará precisamente sobre o ponto achado.

Se a bateria estiver apontada para uma determinada direcção geral, o transferidor será collocado sobre a carta de modo que a divisão zero da graduação interior do

Empregando-se o processo da agulha magnética, o arco graduado será colocado sobre a carta de maneira que o orificio do cordel fique coincidindo com a posição de fogo (peça directriz) escolhida e o diâmetro 3200-O (3200-6400) da graduação exterior exactamente dirigido para o Norte geográfico da carta, conforme o objectivo ficar a Oeste ou a Este da referida direcção geográfica do Norte. No primeiro caso a palavra «West» (Oeste) será legivel direita e no ultimo a palavra «Ost» (Este).



semi-círculo fique correspondendo exactamente áquella direcção.

Se, mantido fixo o transferidor nessa posição, a regua centrada collocada em cima ou o cordel vermelho se dirigirem para o objectivo, a direcção a ser comandada para a bateria é obtida pela intercepção da regua ou do cordel com a divisão interior do transferidor, obtendo-se a distancia Posição-Objectivo com a propria regua.

Para a mudança de objectivo repete-se este processo.

A leitura dos numeros da agulha é feita na graduação exterior e, no caso de objectivos a Oeste (Este), ler-se-á na graduação externa (interna) da graduação exterior.

Dos numeros obtidos é preciso subtrair a declinação.

A correcta collocação do transferidor será facilitada pela quadricula.

3. Para a determinação da declinação medir-se-á primeiramente com a bussola o angulo formado pela agulha com a direcção de um ponto do terreno precisamente conhecido.

Em seguida, colocado o transferidor na carta ou planta directriz, mede-se o angulo formado pelas direcções Norte-Sul geographico da carta e daquelle mesmo ponto do terreno. A diferença entre estas duas medidas dá o valor numerico da declinação.

Recommenda-se empregar este processo em relação a 2 ou 3 pontos diversos e tomar a media do resultado para valor numerico da declinação.

4. Os quadriculados nas escalas de 1: 25.000 e 1: 20.000 existentes no transferidor servem para fixar na planta directriz a situação exacta do objectivo, indicações de pontos importantes do terreno, etc., por meio de pequenos quadrados, por occasião de commandos de fogo, informações, resultados de tiros, etc.

5. A determinação do intervallo e escalonamento em profundidade das peças de uma bateria objectivo em uma direcção inclinada á frente da bateria é essencial e será conseguida com o transferidor do seguinte modo:

As peças serão dispostas paralelamente na direcção principal (R. H.) (Fig.) e exactamente medidos os seus intervallos e o resultado transportado no quadriculado na escala de 1: 1000 de uma folha de informações, de modo que a peça directriz (1.ª peça), uma intercepção de quadricula e a direcção geral coincidam com uma direcção do quadriculado.

Se o transferidor for colocado de modo que uma intercepção de quadricula do mesmo venha cahir exactamente sobre a peça directriz e, ao mesmo tempo, a corda perpendicular a essa intercepção caia sobre a direcção do objectivo, poder-se-ão ler directamente no quadriculado do transferidor o valor do escalonamento e a diferença de distancia das peças na direcção eventual do tiro.

Nota. — A bussola que acompanha o transferidor, além dos misteres communs, e a regua transparente munida de allidas constituem um valioso equivalente do goniometro-bussola.

(Continúa)

Major Parga Rodrigues.

Os cadetes

(1757-1898)

Para dar á nobreza meios proprios de se instruir na arte da guerra, cria o alvará de 16 de Março de 1757 a praça de *cadete*, na razão de 3 por companhia (naquelle tempo chamavam-se tambem «companhias de cavallaria» ás unidades correspondentes aos esquadrões actuaes).

Os candidatos deviam ser «fidalgos ou pessoas de nobreza conhecida», conforme o citado alvará.

Perante o auditor geral de sua provin-
cia faziam-se as devidas justificações e os autos eram remetidos ao *general director* que, para deferir a petição, formava uma junta ou conselho, composto do chefe do corpo, dos seus immediatos e do capitão mais antigo, reservando para si o direito do «voto de qualidade» (desempate).

Apenas os candidatos com o fôro de «moço fidalgo» (*) ou filhos de officiaes com a patente pelo menos de sargento-mór (actual major), ou filhos de mestres de campo (coroneis) de terços auxiliares ou de ordenançá (forças de reserva) podes-
riam ser aceitos sem outras provas.

O cadete tinha o seu titulo, indepen-
dente da futura graduação, passado pelo general, após o conselho (chamado «de direcção», para os primeiros cadetes, posto que o «de averiguação» só foi in-
stituido em 26-10-1820, para o reconhe-
cimento dos *segundos cadetes*, creados pelo decreto de 4 de Fevereiro do mesmo anno). Neste titulo se declarava, com a emphase da época, até hoje usada nas patentes dos officiaes, que o fizsessem reconhecer e «guardar as distincções que lhe competem».

(*) A nobreza comprehendia duas ordens e havia em cada uma delas tres gráos. A ordem mais elevada encerrava: 1.º gráo, os que tinham o titulo de *moço fidalgo*; 2.º gráo, os que eram *fidalgos escudeiros*, que gosavam de pequenas vantagens sobre os do gráo anterior; 3.º gráo, os *fidalgos cavalleiros*, de fôro mais ele-
vado por terem sido armados cavalleiros, em recompensa de algum alto feito darmas, pelo proprio rei. A ordem inferior tem tambem tres gráos: 1.º, o *escudeiro fidalgo*, 2.º, o *moço da camara*, 3.º, o *cavalleiro fidalgo*. Como os candidatos deviam ter o fôro de *moço fidalgo*, só á primeira ordem competiam as regalias de cadete, segundo o alvará de 1757.

Com a tropa em forma, cumpriam-se as formalidades — que mais ou menos são as mesmas que ainda hoje se observam nas passagens de commandos.

Os cadetes usavam então, nos seus uniformes, os mesmos distintivos dos officiaes, com «dragões e caireis de ouro prata, se fossem de lá os dos soldados», resava o alvará.

Podiam entrar em casa do general, na salla dos officiaes, assentarem-se com estes e... podiam ser isemptos de trazer bigodes.

E como participavam tambem da rôda dos sargentos, não foram esquecidas no alvará de 1757 as regras a serem ahi observadas: qualquer delles não devia pôr o chapéu sem que os outros o puzessem, nem se assentar sem que fosse acompanhado pelos demais.

Concorriam, em partes iguaes, os cadetes ao serviço externo com os sargentos, «para se exercitarem e mostrarem o seu desembaraço»; eram, por outro lado, dispensados de serviço nas cavallariças, embora concorressem a todos os outros.

A começo, nenhuma pessoa podia ter praça de cadete com menos de 15 annos ou mais de 20; posteriormente, o decreto de 24-6-1806 alterou esse limite para 14 annos no minimo, sendo que os itens referentes ao numero de cadetes em cada companhia e ao limite maximo de idade já haviam sido abrogados pelo decreto de 18-3-1797.

Essas disposições foram ganhando em extensão, quer porque outras complementares se lhes seguissem (sobre filhos illegítimos, filhos de officiaes honorarios, etc.), quer por disposições proprias a interpreta-las. Assim, como o regulamento de 18-2-1763 mandava reputar nobre a todo official de patente, passou-se a dar praça de cadete aos filhos dos officiaes de menor graduação, desde que exhibissem patentes de qualquer posto de seus paes e de quatro avós que houvessem sido officiaes de patente.

A ordem do marechal Beresford de 10-6-1810 e aviso de 23-9-1815 exigiam que o candidato dispusesse de um rendimento minimo de 130\$000, mas isso deixa logo de ser exigido, figurando apenas no processo de reconhecimento uma justificação, as mais das vezes graciosa, de que o candidato possuia meios de subsistencia.

Parece que a facilidade das honrarias arrastaram para os quarteis um numero consideravel de candidatos, mas, como só acontecer ao que é difficil de conseguir por toda a gente, outros numerosos jovens, sem nobreza hereditaria e recuada, entraram a pleitear os mesmos privilegios.

Essa boa gente vio-se enfim contemplada, pela criação de outras categorias, que, sem desmerecer os favores concedidos á melhor linhagem da classe precedente, vinham contentar outras pessoas de importancia. A provisão de 26-10-1820 cria (só para o Brasil), as classes de *segundo cadete* e *soldado particular*, classes diferentes da dos *primeiros cadetes*, designação que passou a ser dada aos precedentes, que eram de «nobreza notoria e sem fama em contrario». Usavam distintivos especiaes, cada um o de sua classe; no resto, confundiam-se mais ou menos na pratica.

A criação dos segundos cadetes e soldados particulares foi uma tranzigencia, talvez devido á escassez de nobres para o serviço militar aquem do Atlântico.

Os segundos cadetes eram os filhos dos officiaes de patente, sem dependencia de avoengos, os filhos dos sargentos mòres de ordenanças, os filhos dos membros das ordens honorificas do reino, enquanto que os soldados particulares eram os filhos dos negociantes matriculados, ou de outras pessoas de consideração por empregos ou cabedaeas.

Democraticavam-se as instituições militares, porque essas disposições assignalam um evolvemento nas idéas do tempo. O *burguês*, que vivia do commerçio, já não era tão mal olhado como no seculo precedente, em que o regulamento de 18-2-1763 insistia em prohibir aos officiaes de commerçiar, evidentemente pelo preconceito desprimatoroso da profissão e nunca pelo afastamento do official de suas obrigações primordiaes.

*
A necessidade de acompanhar o cadete em sua triplice modalidade, pela sua influencia no Exercito, leva-nos até ao primeiro decennio do periodo republicano, em que o cadete foi suprimido (lei de 6-10-1897), depois de 140 annos de existencia legal, sem que o seu desaparecimento affectasse a vida das instituições militares.

E' que a sua época já havia passado. Acompanhar-lhe os gestos mais reconditos, as acções mais despreocupadas, são actos que nos permitem transpôr os limiares de nossos dias, e, descerrando a cortina dos tempos, penetrar os costumes militares das velhas sociedades, de que o cadete era um evadido.

Quando Cervantes corria os espadachins das ruas — e Cervantes é aqui apenas o symbolo de uma nova ordem de cousas — a nobreza, que se não educara para comprehendender a transformação que se ia operando nos costumes, escondia-se nos quarteis, com os seus vicios e sua vida á parte.

A marcha das idéas é assim: ou seduz e arrasta os que a comprehendem, ou esmaga e passa por cima dos incréos.

Foi desta forma que, involuntariamente, por uma fatalidade propria das grandes transformações que saccodem as sociedades que se arruinaram, os destinos cumpriam-se por via opposta: se a nobreza, a que faltava o chão firme de outras épocas, não vinha até á plebe, a plebe ia até á nobreza, mesmo quando ella se encastellava sob os muros fortes e portões pesados dos quarteis daquelles tempos...

Fatalmente, como uma nau abandonada a si mesma, a fidalguia de raça, acuada de perto, vogou ao sabor da corrente e se tornou alegre, feliz, no seu merencorio destino.

Despojada aos poucos de seus privilegios — que não soube ou não quiz defender com mão forte — veio até nós sempre a mesma, prenhe de curiosidades, com os mesmos habitos dos tempos idos.

O cadete foi o mesmo em todos os tempos. Vinha do seculo XVIII e, como se não tivesse soffrido a influencia dos tempos novos, achou-se ás portas do seculo XX com as disposições espirituas de uma época remota.

Como quem conserva uma tradição de familia, viveu sempre a vida de bohemio e de estroina dos desoccupados nobres.

O cadete era o individuo sem haveres (embora a exigencia legal de um peculio), que não se preocupava com o dia de amanhã. Por mais avançado que fosse em annos, em todas as particularidades de sua vida conservava-se em plena juventude.

Os antigos quando representaram o tempo como um velho armado da foice que symbolisa a sua potencia destruidora, é que não conheciam o cadete.

A pandega tomava-lhe o melhor do tempo. Vistos os cadetes um a um, inspiravam a sympathia que as tradições de heroismo e de traquinadas impõem ás pessoas do povo; vistos em grupos, delles se esquivava a gente pacata, a quem as formidaveis troças, de um sabor recuado nos tempos, inspiravam desconfiança ou pavor.

Do seio da massa que as linhas acima retratam, emergia de quando em vez a alma sensivel do bardo a contrapôr-se ás durezas de um destino aventuroso.

Quantos foram poetas: ora, liricos e simples, ora escarninhos, cantando amores e cantando maguas, ou rindo das fraquezas alheias para insensivelmente esconder as proprias fraquezas!

Comprehende-se facilmente a vida dos corpos, nesse periodo de mais de cem annos. Não havia a instrucção intensiva dos nossos dias, que absorve o tempo e deixa os musculos lassos. As experiencias das guerras napoleonicas que tanto depõem a favor do melhor preparo individual da tropa, não haviam sido bem comprehendidas em 1820, apenas cinco annos decorridos sobre a queda da aguia. Antes desta época, as tropas mercenarias conheciam todas as instrucções sem saberem nenhuma.

Apezar das exigencias de um manejo de fogo complicadissimo, etc., o treinamento intensivo da tropa foi introduzido entre nós depois de 1909, aproveitando os moldes allemaes. Até ahi os officiaes iam diariamente ao quartel para assistir ao expediente e ouvir a leitura da ordem.

Foi sob a influencia desse regimen que as manifestações atavicas vieram a flux. O cadete foi por isso um deslocado rebento dessa nobreza inculta, cheia de altas qualidades e de preguiça. Aberrante pela sua origem, eil-o como casta... de bohemios até muito depois de proclamada a republica (1898), que o esquecera na derrubada irreverente dos mais arraigados privilegios.

Na memoria do povo a sua lembrança ficou, alardeada por incidentes cavalheirescos e joviaes. As suas façanhas, nem sempre isemtas de episodios phanta-

siados, andam ainda hoje de bocca em bocca.

E' assim que se forma a legenda em que a litteratura vae buscar os Cyranos de Bergerac.

*
Ha anecdotas que esclarecem a ficção da Historia.

O historiador que quizer ser comprehendido ha de praticar com as idades mortas o milagre de Lazaro, fazendo-as reviver e desfilar aos olhos de quem lê. Este effeito cinematographico dão-no as anecdotas, que são trechos da vida em flagrante.

Enveredemos, pois, por esse caminho.

*
Nos bons tempos, frequentava uma das bodegas de peor reputação de Porto Alegre o cadete X.

A freguezia accusava o bodegueiro de addicionar ao mocotó que fornecia immundos condimentos, que lhe aumentavam o minguado lucro.

Altas horas de noite fria, quando o *minuano* cortava lá fóra a gelada pelle de um ou outro notivago, sobre immenso braseiro, acceso ao centro de vasta sala de chão, ferve em larga caldeira o pescado alimento.

A multidão, tresandando á fumaça, aguarda o momento de trinca-lo, espihada por toda a casa, onde se joga, bebe, canta e ama...

Nisto, surge noutra salla um serio conflito. Copos e garrafas que se partem, vozes obscenas atroam os ares. Accodem de todos os lados os freguezes, a quem não espantam as facas arrancadas e as pistolas de dois canos, tão em moda naquella época: cousas banaes, costumeiras.

Da sala do mocotó se não movem apenas o cadete X e o gordo gato da casa, que resona enrodilhado a um canto.

Uma idéa atravessa o cérebro do cadete. Rapido, marcha para o gato, amima-o, toma-o nos braços e, levantando a pesada tampa da caldeira, deita-o dentro e vae sentar-se no mesmo logar em que antes se achava.

Cerca de uma hora mais tarde, estava prompta a succulenta comida, que foi disposta a cem reis o prato.

Daquella gente toda só o cadete perdeu o appetite e pedira uma chicara de café...

Em meio á refeição, quando muitos iam gabando o tenteio do sal e a força da pimenta, ouvio-se o vozeirão de um dos parceiros, mulato espadaudo e disposto. E' que uma cabeça de gato, ainda com pellos repellentes, lhe cahira no prato!

Confirmavam-se as suspeitas.

Ao canto, cauteloso na sua chicara de café, o cadete permanecia quiéto, enquanto lá dentro, para onde correra sem poder explicar o seu caso, o bodegueiro recebia pelo lombo o preço do mocotó.

Ainda ha quem chame *cerveja de cadete* ao cópo em que ha maior quantidade de espuma do que dessa bebida. Isto se originou do facto de oito ou dez cadetes, nas agruras de um soldo curto, reunirem-se em torno de uma mesa em que brilhavam outros tantos copos e só uma garrafa de cerveja. E como todos deviam beber, a solução consistia em fazer com que a bebida cahisse de longe, para produzir muita espuma.

Factos como estes, exagerados ou não, caracterisam, não obstante, a vida desses egressos, mixtos de jovialidade pobre e de cavalheiresco espirito de aventura.

*
Não obstante a decadencia da instituição de 1757, a proclamação da república veio encontrar os corpos cheios de cadetes. A lei de 30 de Janeiro de 1892 declarou extinta a classe, mas ainda em 1896 o aviso de 9 de Dezembro permittia que continuassem a servir os reconhecidos antes da promulgação da Constituição de 1891, quando se engajassem sem ter dado baixa.

Finalmente, a lei de 6 de Outubro de 1897 declarou que a partir de 1.º de Janeiro de 1898 não seria mais admitida no Exercito «nenhuma praça com a qualidade de cadete».

Sic transit gloria mundi!

*
Conclusão. O cadete passou. A disciplina sahio ganhando, mas os quarteis ficaram monotonos.

Ao longe, nas madrugadas frescas das cidades longinhas da província, já não se ouve o choro harmonioso dos violões, que enchiham noutros tempos as noites enluaradas, dizendo nas maguas das suas seis cordas todos os segredos que se perdem no turbilhão das almas que soffrem...

F. Paula Cidade
1.º tenente.

Do Estrangeiro

Discurso pronunciado pelo capitão Bertholdo Klinger, addido militar á embaiizada do Brasil ás festas do centenario da independencia do Perú, no banquete oferecido pelo Exercito Perúano aos militares de todas as embaixadas presentes em Lima pelo mesmo motivo.

Ex.^{mo} Sr. Ministro da Guerra, Senhores Generaes; Senhores Officiaes Superiores; Senhores Officiaes, Meus Srs.

Antes de mais nada, peço-vos desculpa de fallar em portuguez. A isso fórça-me a graciosa esquivança do vosso bello idioma castelhano em deixar-se dominar por mim, inteiramente, como seria necessário neste momento. Ainda restam vedados á minha posse certos segredos, varias subtilezas, que dão ao idioma o seu cunho de individualidade propria. E, se não consigo esse desejado domínio, é que, desde o primeiro contacto, revelou-se-me a desnecessidade de especiaes esforços para a mutua comprehensão entre nós, os rebentos americanos dos velhos ibéricos troncos-irmãos.

Ao demais, tratarei de falar alto e espaçadamente, para desta maneira eliminar duas causas frequentes, quiçá capitales, de não se entenderem discursos, ainda quando pronunciados no proprio idioma dos ouvintes.

Verá de promp̄to quem de vós já não o haja visto antes — e muitos terão tido a fortuna de vê-lo antes que eu — que, para nós os ibero-americanos, nem as diferenças de nossos idiomas-gemeos são obstáculo ao mutuo entendimento perfeito — tão perfeito quanto humanamente possível e razoavelmente desejável — entendimento mutuo das manifestações escritas e faladas de nossos pensamentos e aspirações; nem, portanto, impedem essas alludidas diferenças que as nossas relações, os nossos actos e orientação política de repercussão internacional sejam repassados de imperturbável harmonia, de sincera confraternidade — tão inílluvável como a dos nossos respectivos idiomas.

D'entre as numerosas corporações que integram as unidas politicas mundiaes, as Patrias, nenhuma dellas melhor que a dos militares, pela natureza immanente

á identidade de seus soffrimentos e privações, alegrias e venturas, glorias e dôres, é talhada para as demonstrações publicas desse bello sentimento de affeição que attrahe uns para os outros os soldados de terra e de mar, de todos os povos, e particularmente se revela, pelas razões historicas e geographicas tão vos-sas conhecidas, entre o ramo luso e a frondosa e virente ramaria hispanica que as nossas gloriosas e venerandas Mâes Patrias plantaram e crearam na America do Sul.

Dir-se-ia que por dentro da diversidade das cores e dos talhes dos uniformes, variegados ao gosto, ora equivoco, ora ingenuo, dos artistas que pintam á tesoura e á agulha as nossas amadas fardas, que ainda hoje fazem da indumentaria do soldado, por cima das outras virtudes, o grande segredo universal da seducao que ella exerce sobre o bello sexo, o sexo fraco... que nos domina; apezar da variedade dos botões e demais adornos e complementos, insignias e distintivos, pennachos e ponpons, gorros e capacetes, bonés e keppis, botas e perneiras e talabartes, ha em tudo, não obstante a infinita e caprichosa variedade, um forro commun a todo traje militar, que de igual maneira reveste e se ajusta ao peito do soldado, e o faz palpitar com a franqueza e sympathia fraternal por todo outro soldado, mesmo desconhecido; não importa de que nacionalidade nem de que posto — só porque tambem veste farda, só porque tambem é soldado.

Ahi está porque esta reunião em que aqui nos vemos refulge tão gratamente aos nossos olhares de soldados, como luminosa estrella na magnifica constellação a cujos clarões, deslumbrantes de patriotismo e de congraçamento, nos vemos todos a festejar a magna data do primeiro centenario da emancipação politica do Perú.

Tambem eu, Senhores, cumpro com immensa alegria d'alma o facil dever de agradecer, como representante do Exercito Brasileiro, esta bonita prova de camaradagem para a qual o Exercito do Perú entendeu de nos congregar neste cordial agape, em meio de tão distintos expoentes seus.

E, na mesma qualidade, tenho a grata satisfação de formular os mais sinceros votos por que, das reflexões e conclusões

a que hão de ser levados nessa ephemide os patriotas peruanos, dirigentes e dirigidos, a proposito da data que ora commemoram, resultem as necessarias accões para injectar, com maior segurança e continuidade, o desejavel vigor e pujança nos elementos da defesa nacional do Perú.

E' com verdadeira satisfação que eu venho observando que hoje em dia no Perú ninguem mais, de responsabilidade e que mereça consideração, ousa pônsar que a força de um paiz, em face de aggressões sempre possiveis, possa residir na sua fraqueza. Estou vendo como, dentro das modestas proporções que vos permitem as actuaes difficuldades que, aliás — triste consolo — apremiam, em estranha solidariedade, todo o mundo civilizado, trabalhaes devéras, vos mostraes praticamente sinceros na conservação e no aperfeiçoamento das armas e no adextramento da vossa gente em manejal-as, para o dia sempre incerto, sempre possivelmente imminente, em que assim o reclame a Patria angustiada, para defesa de sua integridade, de sua dignidade.

O Brasil, como bom amigo do Perú, só pôde achar satisfação e benefico incentivo em vêr o seu amigo fortalecer-se. Mais forte o amigo, mais vale a amizade. E não ha como illudir esta verdade: é preciso ser forte para poder ser bom, justo; não ha outro meio como o ser forte, para se obter do proximo bondade, justiça.

Oxalá os peruanos, governantes e governados, não esmoreçam nos esforços, nem se arreceiem dos sacrifícios, imprescindiveis para conseguirem efficiencia em suas forças armadas.

São pesados esses esforços e sacrifícios, tanto mais que não fica resolvida sua dura missão com o desenvolvimentos, supportal-os uma vez: ha que sustentalos, incessantes, indefinidamente. Pelo menos até que se torne tangivel o velho sonho da humanidade, sonho cada vez mais fugidio á realidade, da paz universal, do desarme geral.

E são mais pesados, mais duros tales esforços e sacrificios porque aos irreflectidos pseudo pacifistas parecem improductivos, inuteis, parecem desperdicios.

Não sois vós, por certo, um auditório a que deva demonstrar que, em verdade, tão oneroso tributo representa o único

seguro nacional que se possa instituir — como manda a elementar prudencia de quem ama os seus, o seu futuro — contra riscos de morte ou de amputação e de deshonra nacionaes.

Depois, os modernos exercitos e marinhas têm que ser profundamente nacionaes; a profundezas desse caracteristico estende-se a todos os departamentos da vida de uma nação.

D'ahi, quem reflectir menos perfunctoriamente sobre toda a latitudine do significado desse facto — e não seja destituído de mediana penetração intellectual e de sinceridade — logo advertirá a incomensuravel utilidade, a inestimavel productividate, o vultuoso e doirado interesse que, muito ao contrario da referida imputação de nihilidade, tem, de facto, mörmente nos paizes novos, ainda em formação, como é o caso das nossas estremecidas patrias ibero-americanas, uma organisação devéras levada a sério, das forças armadas nacionaes.

Ella é o centro de propagação de acções de cultura, de progresso e de robustecimento a todos os demais órgãos e tecidos do complexo organismo nacional.

Perdoai-me, Senhores, de haver sido algo extenso, de não haver resistido á tentação, talvez vaidosa mas nobre, de vos despregar os refolhos de meus pensamentos, para melhor vos deixar penetrar a sinceridade de meus votos.

E nestes vão acompanhar-me todos os presentes, distintos representantes de exercitos estrangeiros: pela prosperidade futura do Perú, em particular pela de suas instituições irmãs das que nós outros representamos, todas destinadas a preparar a Patria e eventualmente enquadrar-a toda inteira para sua defesa propria, de armas na mão: *Viva o Perú!*

Canções Militares

Em o mez de Junho de 1901, sob a epigraphe «Um ramo de arte» escrevemos na Tribuna Operaria uma serie de artigos, onde diziamos: Continuando na tarefa que nos impuzemos, com a idéa de uma associação coral brazileira, carecemos rodeal-a de uma forma simples na essencia, capaz de ser acatada pelo nosso centro artistico, capaz de ser menos consubstanciada em sua complexidate.

E' nos limites, certamente, de pequenos ensinamentos, na particula, talvez, de menor importancia, que se poderá colher os resultados desejados, como por exemplo: nas escolas primarias, onde são os alumnos quasi sempre levados a melopear hymnos e outros canticos festivos; nos cursos livres em que os respectivos programmas contivessem conhecimentos rudimentares dessa materia, servindo de inicio ao nosso objectivo.

Constituido, que fosse, um grupo coral, em quaesquer desses estabelecimentos de ensino, sob o regimen do professor, seria desde logo estudada a adaptação dos alumnos para boa distribuição do alludido grupo, formando assim os tenores, baritonos e baixos, segundo a ordem preferida, *ternaria* ou *sexta* (*), que conseguisse sem esforço ou sacrificio de seus discípulos.

Não julgamos prolixo, accrescentar que, sem dar ao assumpto a interpretação methodica a seguir, convém, entretanto, que o tentamen seja precedido do estudo theorico e pratico dos *intervallos* em geral, com o competente auxilio do harmonio, para obtenção do aperfeiçoamento do timbre, emissão, etc.

De sorte que não parecerá chimerico o nosso ideal, obedecendo até ás anomalias e antitheses que a cada passo se verificam no ouvirmos pessôas sem cultivo algum, cantarem regularmente, ou individuos de compleição franzina com excelente voz — baixo, e os de robusta, com perfeita voz — tenor.

Nestes curtos ensaios, fonte vasta de observações, consiste minucias e trabalho dos professores, estamos certos; porém, a este fím, deveriam concorrer as direções convenientemente dadas nesses institutos, com prévia inclusão de aulas preliminares que regessem a materia, conseguindo a nosso ver maximo valor capital.

Uma vez adquiridas as noções precisas ao nucleo, supposto que seja o infantil, o nosso ponto de vista se convergeria sobre o organismo vocal, exercitando-o de maneira a não prejudicar os capillares, amygdalas, etc., como tambem opinariamos pela constancia na variedade, porque as investigações e experiencias têm demonstrado esta verdade.

(*) Assim designamos vozes indeterminadas, não accentuadas bem na classificação geral.

A este proposito não é demasia citarmos o seguinte caso ou anedocta:

«Dizem que um grande maestro em excursão pelo interior da America, ouvira um rustico tocar numa flauta de taquara, fabricada por elle, diversos trechos musicas, tão attrahentes e difficeis, que resolveu o maestro a encarregar-se dos futuros destinos desse miraculoso, quão esperançado artista; destituindo que foi do seu rude instrumento, apertado num calçado differente do que lhe era usual, na occasião da sua estréa fez enorme fiasco, abalando quasi os creditos de que gozava o eminente maestro».

Aconteceu-lhe o mesmo que se nota na apreciação do cantar do sabiá da matta virgem e a mudança nesse passaro conhecido, quando canta isento de sua liberdade nativa; tudo devido, unicamente, á influencia do meio em que o haviam collocado.

Da constancia na variedade, portanto, deve surgir o aphorismo de bons resultados praticos.

Hoje, com mais forte razão, isto depois de 20 annos passados, alimentamos novas esperanças ao vermos a nossa idéa apoiada na classe militar, visto que, tambem se acha ligado ás marchas itinerarias o canto e os hymnos por occasião de festa nacional e nas continencias á bandeira.

Portanto, só pelo meio militar, temos a propaganda feita naturalmente, precisando unificar ao que já se practica, o concurso da arte musical, afim de aperfeiçoar, dando belleza e garbo ao pensamento artistico.

Para darmos uma pequena prova da grande influencia da musica na cadencia de marcha, basta notar-se a mudança operada, algumas vezes, entre as bandas de corneteiros e a de musica, quando simultaneamente passam a tocar em continuaçao da marcha encetada, onde se percebe a destoante passagem duma para a outra, isto é, ou accelerando a cadencia ou retardando-a.

Sabe-se que as peças admittidas nas marchas militares, outr'ora, eram o dobrado ou a marcha grave; sendo que o primeiro, denominado *en français — pas redouble* — que muito se differe no ritmo aos ordinarios, de composição nossa, e talvez devido ao ritmo, seja atribuida a causa da mudança brusca e

desagradável á vista e ao ouvido, produzida pelas citadas bandas.

Entretanto, julgamos corrigir tal efeito observando aos tamborileiros, que marcam as entradas das duas bandas, para conservar a cadencia iniciada, o emprego da syllaba *plan*, por 3 vezes, em vez de *rataplan*, que deve seguir depois — *dans ensemble* — qualquer que seja o ritmo, ficará desse modo bem feita a ligação.

Temos ainda a observar que, o *diapasão* estendendo-se também á *pancadaria*, isto é, aos instrumentos de efeito, convém que estes estejam afinados pelo dito diapasão, conforme vemos nos timbales, que afinados pela 6.^a abaixo, se completa na 6.^a acima, para manter-se na 4.^a (dó — fá) em todas as tonalidades.

Concluimos fazendo encarecido appello á officialidade do nosso Exercito, para que consiga tudo á seu alcance, com o fim especialíssimo de rodear as casernas de tudo que é bom, util e agradável, a par da instrucção, tendo em vista a extincão dos desertores da principal *Escola da NACÃO*.

Magno da Silva.

Chefias do Serviço de Saúde e Veterinaria das Regiões Militares

Mal avisado andava eu quando supunha que os medicos militares de uma Região pudessem ficar directamente subordinados ao Chefe do S.S.V. e com êle em correspondencia directa. («A Defeza Nacional», n.º 98 de 10 de VIII, pag. 38).

Passara-me despercebido que o Regulamento para os grandes Comandos negava aos Chefes do Material Belico, Engenharia, Administração e Saúde, acção de Comando sobre os serventuários respectivos na Região, fazendo dêles simples órgãos de informações.

Mas eu tinha razão quando pregava as minhas ideas como se vae ver das considerações que aduzo.

Desfíemos, pois, a meada, que éla merece alguns minutos de atenção.

As linhas a seguir levam menos o intuito de discutir actos do que o de contribuir com a minha modesta experiência para as novas edições dos nossos Regulamentos, afim de que se evitem situações de constrangimento que possam resultar da aplicação de suas doutrinas. Aos que me lerem, pois, peço não verem em minhas palavras o menor laivo de irreverencia para com as nossas autoridades, mas o desejo de colaborar quanto o permitam as minhas habilitações para que atinjamos á perfeição.

Entre nós costuma-se dar á expressão «acção de Comando» uma accepção que se não coaduna absolutamente com a sua verdadeira significação; daí as mais desencontradas opiniões: assim, por exemplo, vago o cargo de Chefe do Departamento da Guerra, se o oficial mais graduado fôr o Chefe da 6.^a Divisão, não poderá assumir a Chefia do Departamento porque não tem acção de Comando, pouco importando que a função não seja de Comando, nem que o Decreto que creou a Missão Medica que foi á França conferisse acção de Comando ao seu Chefe.

Foi sempre noção radicada em meu espirito que Chefe é Chefe, é *caput*, é cabeça, é o que pensa, dá ordens e as faz executar; comandante é o que exerce a acção de comandar, isto é, de mandar conjuntamente, mandar com a colaboração de outros, conforme se depreende de sua accepção primeira; mas sofrendo o vocabulo a acção da Semantica passou a significar chefiar, dirigir, governar tropa ou força armada; sem embargo, também têm comando os navios de guerra ou não.

Na antiga linguagem era comum a expressão «capitão de navio» que era como se dissessemos «chefe do navio» porque a palavra também se relaciona com *caput*; mas ao passo que para «comandante» a Semantica foi generosa ampliando-lhe mais e mais o sentido até permitir que possamos hoje dizer, com inteira propriedade, «comandante de vapor» ainda mesmo que êle seja o mais civil de todos os homens e que toda a tripulação sobre a qual exerce a sua acção de comando seja também civil; com «capitão» éla foi excessivamente rigorosa, actuando em sentido contrario e restringindo-lhe a significação a tal ponto que, de «capitão do mar», «capitão da armada», «capitão de Gôa», «capitão das Indias»,

etc., chegou-se só e só a «capitão de companhia, esquadrão ou bateria».

Director é, conforme a propria palavra o está dizendo, o que imprime direcção ao serviço de uma Repartição, orienta os trabalhos de uma Escola, administra uma Fabrica, etc. Em vista disto, entendo que dizemos, e dizemos bem, Chefe do Estado Maior do Exercito porque, sendo o Estado Maior o cerebro do Exercito, o seu Chefe personifica esta cerebração; comandante da Divisão porque, cercado do seu estado maior, manda conjuntamente com os elementos que o compõem e colaboram para o mesmo fim; Director e não Chefe do Departamento da Guerra; Chefe e não Director de Saude, Engenharia, Administração etc.

Em face de taes considerações, acção de Chefe, acção de Comando, acção de Director são todas modalidades de uma e mesma acção — acção de mando.

E' esta a doutrina que tenho por sem duvida: manda o Chefe, manda o Comandante, manda o Director e todos devem ser obedecidos para que a disciplina conserve toda a sua inteireza e o Exercito todo o seu poder.

Quem me está lendo e acompanhando as minhas alegações já terá formado no espirito a sua opinião, que não poderá deixar de ser acorde com a minha; mas quem tira a conclusão sou eu: o Director de Saude da Guerra tem acção de mando sobre todo o Corpo de Saude; e se assim é, os Chefes do S/S/V. das Regiões não pôdem deixar de ter acção de mando sobre os outros oficiaes de saude da Região, porque são delegados do Director de Saude da Guerra e não se delegam poderes se não a quem tenha ou possa ter ascendencia sobre os outros serventuarios da mesma especie; esta ascendencia se faz sentir em todas as circumstancias e situações.

Era velha praxe, nos antigos Districtos Militares, todas as vezes que vagavam os logares dos ex-delegados de saude, assumir a Delegacia interina do Serviço, o medico mais graduado do Distrito; e creio que não se precisa de muita acuidade para se perceber desde logo que isto acontecia porque primava a noção de que os logares de Chefe deviam sempre ser ocupados pelos mais graduados e foi nisto que se inspirou o legislador para ir buscar oficiaes superiores, quasi sempre Coronéis ou Tenente-Coronéis, para exercerem

taes cargos; aliás seria facilimo e até mais comodo achar entre capitães e tenentes quem se incumbisse de taes funções, se não se quizesse investir da autoridade de comando o serventuario respectivo. Neste caso, porém, seria mais convinha vel que em vez do titulo pomposo de «Chefe do S/S/V.» houvesse um «Encarregado de Saude e Veterinaria do Quar tel General da Região».

Os Directores dos Hospitaes Militares das Regiões frequentemente recebem do Chefe do S/S/V., oficios, circulares e telegramas em que a linguagem é sempre esta: «Deveis fazer seguir.....» «In formae com urgencia.....» «Enviae imediatamente.....», etc. Se isto não é acção de comando!.....

Ainda mais: o Chefe do S/S/V. exerce acção de fiscalização sobre todas as organizações sanitarias, não só regimentaes como hospitalares; ficam todas sujeitas á sua inspecção em qualquer epoca que resolva fazê-la.

De todas as formações sanitarias, quer regimentaes, quer hospitalares seguem para o Chefe do S/S/V. papeis que, ora sofrem a sua fiscalização, ora pendem de encaminhamento seu; e só pode ou deve fiscalizar e encaminhar papeis de uma autoridade, aquela que lhe é hierarquicamente superior.

Diante destas ponderações convence-se a gente de que o Chefe do S/S/V. só poderá ser substituido pelos capitães auxiliares quando dentro da Região não houver oficiaes mais graduados do que êles; senão vejamos:

De acordo com a ultima resolução do Exm.^o Sr. Ministro da Guerra, em aviso n.^o 31 de 15 de Abril, os enfermeiros-móres dos Hospitaes Militares devem ser nomeados pelo Director de Saude da Guerra, por proposta do Chefe do S/S/V. e os enfermeiros e ajudantes de enfermeiros, pelo Chefe do S/S/V. por proposta do Director do Hospital.

Só o facto da proposta do enfermeiro-mór partir do Chefe do S/S/V. e a dos enfermeiros e ajudantes de enfermeiros partir do Director do Hospital mostra positivamente que o Chefe do S/S/V. deve ser sempre uma autoridade de patente mais alta do que a dos Directores de Hospitaes.

Agora, consideremos o facto de um Director de Hospital, tenente-coronel ou major-medico, ter de propor ao capitão

Chefe do Serviço, a nomeação de um enfermeiro ou de um ajudante de enfermeiro para o seu Hospital.

Pode ser muito direito; mas desvia-se inteiramente das boas normas da hierarquia militar.

O R. I. S. G. no n.º 28 do art.º 110 prescreve que o capitão-medico do Regimento de Infantaria deve dar ao Chefe do S/S/V. da Região, até o dia 10 de cada mês, uma parte relativa á higiene e principaes alterações do Serviço Sanitario Regimental, consignando o movimento dos doentes durante esse periodo.

Ora, de acôrdo com a propria definição que nos dá de «Parte» o R. I. S. G. «o instrumento verbal ou escrito pelo qual se comunica ás autoridades *superiores* (o grifo é meu) um facto qualquer» (art.º 398) basta que o capitão-medico do Regimento seja mais antigo do que o que se acha exercendo a Chefia do Serviço para que esta letra do Regulamento não possa mais ser cumprida, porque não se dá parte a autoridades menos graduadas.

Nas mesmas condições ficarão os n.º 29 e 30 do mesmo Regulamento.

Os Relatorios annuas, não só dos medicos dos Corpos como dos directores dos Hospitaes são directamente enviados ao Chefe do S/S/V.

Todo o mundo sabe que Relatorio não é mais do que uma prestação de contas que se dá á autoridade a que se é subordinado do que foi feito, do que se está fazendo, e do que se pretende fazer; e ninguém presta contas de serviços á autoridade cuja patente é inferior á sua.

Pelo correr do mês de Dezembro, quando o Chefe do S/S/V. não pôde fazer a visita de inspecção ás formações sanitarias regimentaes e hospitalares para colher dados para o seu Relatorio ao Director de Saude da Guerra, envia circulares a estas formações pedindo-os.

Seria estranho que os tenentes-coroneis e maiores directores de Hospitaes tivessem de fornecer estes dados ao capitão Chefe do Serviço.

Por todas estas razões, vê quem me lê que o Chefe do S/S/V. não pôde deixar de ter acção de comando sobre os serventuarios respectivos na Região; se não tivér a oficial, a regulamentar, porque esta depende da vontade dos homens, terá a logica, a natural, a intuitiva, a que lhe

dá a natureza mesma do Serviço; por isso, só deve ser substituido por aquele que, na Região, lhe for imediatamente inferior em graduação.

Alegrete, 4-1-22.

Alves Cerqueira.

Em defesa de um bom regulamento

Conservar melhorando é um lema universalmente conhecido e que synthetisa, sem duvida, todo e qualquer programma de tudo quanto seja emprehendimento humano.

Não é apenas o art. 1.º do grande breviario do homem, mas a lei fundamental que preside o desenvolvimento de tudo aquillo que tende a attingir, pela evolução, a perfeição.

Só se destróe aquillo que se substitue.

Sob o influxo de uma seiva nova nascem, crescem e reconstituem-se as celulas que originam o magestoso gequibá e «a palmeira que domina ufana os altos tópos da floresta espessa».

Estas sentenças têm toda a actualidade, neste momento em que, graças ao impulso de progresso experimentado pelo Exercito, nestes ultimos annos, grande é o avanço que sob o ponto de vista da competencia profissional e apparelhamento material, já apresentamos, ou estamos em via de apresentar.

Esboçado este preambulo, entremos no assumpto.

O actual regulamento para o emprego dos meios de transmissão pelas tropas de todas as armas prescreve em seu artigo 52 o seguinte, sob a epigraphe Signalação a braço:

«Os signaes a braço (signaes convencionaes ou de preferencia signaes Morse) pôdem ser uteis em numerosos casos.

Elles fazem-se empregando-se sómente os braços ou mais geralmente por meio de bandeirolas ou quaesquer outros objectos. Si se empregam os signaes Morse, um braço na horizontal corresponde ao ponto, os dois braços horizontaes correspondem ao traço.»

Este artigo de regulamento permitte á autoridade responsavel pela instrucção de uma dada unidade, uma grande latitudde de liberdade.

Elle aconselha de preferencia, para sinalização a braço, os signaes Morse, feitos pela forma que determina, mas consente que sejam usados signaes convencionaes que não os que indica de preferencia.

Os signaes poderão ser feitos sómente com os braços, ou por meio de bandeiolas, ou quaesquer outros objectos. Taes licenças que o regulamento citado oferece, significam que não estão definitivamente relegados, aos archivos das unidades, os regulamentos que se achavam em franca vigencia, antes do apparecimento deste ultimo, sob os auspicios da M. M. F.

Assim não pensam, no entretanto, varios camaradas de arma, alguns, mesmo, dos que se confessam partidarios do uso das excellentes I. S. A. (instruções especiaes de signaes para a artilharia de campanha). Por esta razão, o anno de instrução proximo findo, ao que nos consta, foi de eclipse quasi total destas I. S. A.

Julgamos que estas instruções deveriam ter o seu emprego, não apenas tolerado para ligação rapida e segura entre os diversos órgãos da arma de artilharia, mas deveriam ser de carácter obrigatorio, pois que os seus signaes são incomparavelmente mais praticos e de uma transmissão muitissimo mais rapida que os signaes Morse. Pelo menos, as abreviações das palavras correspondentes aos commandos, deveriam ter sido transplantadas para o novo regulamento de emprego dos meios de transmissão, pois que, sem abreviações, se torna muito morosa e muito fatigante a transmissão dos commandos relativos aos elementos de tiro, bem assim a comunicação dos resultados de observação do tiro ao P. C.

Muito concorre para a rapida fadiga o facto dos movimentos de braços executados pelo signaleiro serem sempre os mesmos, o que faz trabalhar constantemente os musculos de uma maneira uniforme, o que não se dá com os signaes I. S. A. O annexo VII do R. E. M. F. intitulado Ligação dos aviões com a terra, consigna apenas 12 signaes convencionaes para a regulação do tiro e uns outros complementares, tambem relativos ao tiro, formados por grupos de dois algarismos. Muitos desses signaes convencionaes do código de T. S. F. poderiam ser empregados em sinalização a braço, mas são

insufficientes e muito inferiores aos signaes que vimos defendendo.

A palavra *Alça* escripta por meio do Alphabeto Morse exige 13 signaes (a—.—l.. —.ç—.. a—) ou 8 vezes um braço collocado na horizontal e 5 vezes ambos os braços postos horizontalmente, enquanto que por meio das I. S. A. seria transmittida por um unico signal, precedida a serie de commandos de um signal proprio.

O signal de serviço *Erro* exige a elevação de um braço 10 vezes á posição horizontal, ao passo que, pelas I. S. A., um signal apenas, muito mais rapido e seguro, seria sufficiente.

Admittamos, completando uma deficiencia do regulamento, que sejam os commandos transmittidos pelos signaes Morse, de accôrdo com as abreviações usadas nas I. S. A.

O commando *Shp!* (shrapnell percussão) exigirá, mesmo assim, 8 signaes, 4 traços e 4 pontos, correspondentes ás letras X e P, enquanto que por aquellas instruções especiaes, apenas dois signaes seriam necessarios.

O commando *Gr. c 5!* (granada carga 5), pelo Morse exige 12 signaes, enquanto pelo systema que defendemos, é transmittido por tres signaes, apenas.

Tomemos um dos exemplos de commandos do R. P. E. A. art. 281:

Granada! Carga 5! Toda a bateria! Ponto de pontaria á retaguarda, canto esquerdo da casa grande da fazenda!

Sítio 215! Alça 32! Deriva 29.45!

Escalonar ida esquerda de 15!

1 Salva!

Passemos por signaleiros este despacho, quer pelo Morse, quer pelas I. S. A. Para isto redijamol-o em linguagem telegraphica, de accôrdo com as abreviações das I. S. A., annexo 1:

G! Qg 5! Toda Bt! P. Re. Canto esq. casa grande fazenda! Si 215! A 32! D. 29.45! E. esq. 15! 1 S1!

Fóra os signaes de serviço necessarios á transmissão, este simples despacho para abertura de fogo, exige pelo Morse, o emprego de 185 signaes! (80 traços e 105 pontos!).

Pelas saudosas I. S. A. seriam sufficientes, tão sómente, 50 signaes! — Quasi quatro vezes menos! —

A concluir por este exemplo, tomado ao acaso, enquanto um signaleiro, utilizando o Morse, tem necessidade de empre-

gar 100 signaes para passar um dado despacho, um outro, empregando as I. S. A., passa o mesmo despacho com 27 signaes apenas! (*)

O factor tempo cresce de importancia, quando se considera que é natural que esteja mais sujeito a errar quem maior numero de signaes tenha que fazer, tanto mais que, surgindo o cansaço, começa a se accentuar a tendencia involuntaria de reduzir o numero de signaes para acabar ligeiro.

O citado art. 52 permitte que, além dos braços ou bandeiroolas, sejam empregados quaesquer outros objectos para effectuação dos signaes Morse.

Permitte, assim, que sejam adoptados os quadros de arame ou de vime com varias capas de cõr a serem empregadas de accordo com o fundo sobre que se projectem os signaes, e as condições de luz do momento, tudo de conformidade com o regulamento I. S. A. que tão bons resultados deu na pratica, constatados que foram, em tres annos seguidos de uso entre nós.

O regulamento é bom, falta apenas botal-o em dia, em concordancia com os novos processos de tiro e tornal-o de uso obrigatorio, para que elle possa continuar durante muitos e muitos annos a prestar os seus valiosos serviços.

Assim, é preciso crear signaes novos para os commandos «angulo de elevação», «Por tanto ceifar, tantas voltas», «Tiro progressivo entre tanto e tanto», «Lance tanto», etc., etc.

Não se pôde argumentar que seja difícil preparar especialistas em mais de um sistema de signaes, pois que os signaes I. S. A. são facilimos de aprender, visto como em grande maioria, elles são lidos e não traduzidos, baseando-se sempre a comprehensão dos signaes de letras na disposição dos quadros e braços do sinalheiro em relação ao seu corpo.

Seria também insubsistente o argumento de que pela falta de occasião de praticagem dos signaes do codigo geral, (signaes

Morse) dada a grande escassez, em nosso meio militar, de exercícios de artilharia em ligação com outras armas, os sinalleiros de artilharia adquirissem um maior treinamento do codigo especial em detrimento do codigo geral. Elles — de accordo com os dados officiaes — em condições medianamente favoraveis, alcancam até 1.000 metros a olho nú. e pôdem attingir até 3 km. com o auxilio do binocolo. — (Na pratica verificámos que, em condições favoraveis á signalização, quando a distancia se approxima de 1.000 metros, se torna muito difficult a signalização á olho nú, o que também acontece á olho armado, quando os postos estão afastados de perto de 2 km.).

Innumeros serão os casos em que se tenha de lançar mão da signalização a braço para fazer chegarem os commandos, ou as observações de tiro, ao P. C., á linha de fogo, ou então a um posto telephonico, para dahi seguirem para os seus destinos.

Sendo incontestavelmente mais prompta a transmissão pelo sistema de signaes I. S. A. que pelo Morse, pareceu-nos que deveria assumir força de prescripção taxativa, a actual faculdade de se applicar, como meio de transmissão entre os diversos órgãos da arma, aquelle codigo.

O regulamento que está em causa dedica apenas algumas linhas á signalização a braço; occupa-se mais dos systemas de signalização que utilizam a electricidade como meio de transmissão.

Não padece duvida que todos os meios de transmissão utilizados para ligação, isto é, para o exercicio do commando no sentido da convergência de esforços, não são absolutamente seguros.

A ultima guerra provou sobejamente que todos são susceptiveis de faltar em um dado momento.

Por isto, a tactica aconselha, e os nossos regulamentos, desde muito, prescrevem que se procure dispôr sempre do maior numero de meios de transmissão, para que cada um possa ser utilizado, na hypothese de todos os demais virem a faltar.

Dada a natureza dos nossos theatros de operações, quer em guerras internacionaes, quer em lutas intestinas, e o caracter de manobra ou de guerra de movimento que terão, muito provavelmente, as nossas futuras lutas, parece-nos que a signalização a braço ainda tem

(*) Deixamos de contemplar nestes numeros os signaes de serviço necessarios á transmissão do texto, muito propositadamente; o regulamento é de uma mudez de pedra sobre o emprego desses signaes, e na pratica, não se costuma empregar em abundancia certos signaes regulamentares, assim como tambem outros, são simplificados, v. g.; o signal de «Entendido» (., -) que geralmente se reduz á letra inicial, que coincide com a nota inicial.

muito valor entre nós. Naturalmente não teremos grandes distâncias de tiro na artilharia de acompanhamento, que empregará os P. C. das baterias em distâncias relativamente próximas das linhas de fogo; a artilharia de apoio directo também, em multiplas ocasiões, ficará muito aquém dos maiores alcances do material.

A artilharia a cavalo e toda e qualquer artilharia de vanguarda, terão que utilizar, em distâncias não muito exageradas, — pelo menos na phase inicial do engajamento — meios rápidos de transmissão, da mesma maneira que adoptarão processos rápidos de preparação de tiro; estes meios devem ser sempre dobrados, e, na falta do telephone, muito serviço está fadado á signalização óptica e a braço. Na guerra de movimento, constata-se a tendência de approximarmos P. C. e P. O. das baterias, afim de facilitar a ligação, permitindo, consequentemente, a signalização óptica e a braço. Conforme prescreve o R. T. A. em seu art. 117, o P. C. do commandante de bateria, em periodo de estabilização, fica na proximidade imediata da bateria. (Porque em tal caso, as baterias ocupam posição próximo da linha de resistência, avisinhando-se, assim, da infantaria que apoiam). Muitas vezes o posto telephonico da linha de fogo (e tem acontecido nos nossos exercícios) tem que ficar a uma distância tal desta que, só com uma cadeia de repetidores de mais de tres homens, se lógra a transmissão ao subalterno mais graduado, dos commandos chegados pelo telephone; ha inconveniente em empregar mais de tres homens em uma cadeia de transmissão e o nosso R. P. E. A. proíbe tal emprego, em semelhante caso, mandando que se recorra aos signaleiros: Redunda em um extenuante serviço e em enervamento uma transmissão destas, feita pelo sistema Morse em vez do I. S. A.

Camaradas, que muito acatamos, serão talvez de opinião, que, em vista do grande aumento de distância de tiro da moderna artilharia de campanha, verificado na ultima guerra, muito raras serão as vezes em que se tenha de recorrer á signalização a braço para ligação dos P. O. com os P. C. e destes com as linhas de fogo.

Mas, sendo raros e não impossíveis tais casos, parece-nos que o regulamento para o emprego dos meios de transmissão — uma vez que não exclue tal sistema de signalização — deveria resolver o pro-

blema de um modo tão perfeito quanto possível, tanto mais que elle julga que «os signaleiros a braço pôdem ser uteis em numerosos casos» e não apenas em raras ocasiões.

Quer as I. S. A. voltem á plena actividade quer não, urge, porém, preencher a lacuna já apontada no moderno regulamento. E' imprescindivel que lhé seja incorporado um annexo com as abreviações de palavras de commando, mais alguns signaes de serviço, bem assim que sejam regulamentadas as abreviações das palavras mais usuais da linguagem militar além das que consigna o R. S. C., para então, serem os despachos transmittidos menos morosamente pelo systema pontolinea. De qualquer maneira é assim necessário desenvolver o capítulo IV. do R. E. M. T. que tem por titulo Signalização a braço.

A opinião que professamos, mui modestamente alias, é que continuem em vigor as I. S. A., depois de postas em dia, e que, como código geral, vigore o systema Morse para ligação entre as tropas de todas as armas — mesmo para o emprego no ambito da artilharia, á noite — depois de convenientemente dotado do annexo de que fallamos, de abreviações, signaes de serviço, prescrições concorrentes á instalação dos postos e regras para execução do serviço.

A' noite realmente o systema Morse é insubstituível, por ser impossível empregar o systema cuja ideia se baseia no desenho da letra por meio dos quadros e do corpo do transmissor.

Estas linhas em defesa das I. S. A. — que poderíamos abreviadamente chamar Isac, acrescentando áquellas iniciais o C da palavra campanha — resultaram de um gesto incontido, de um movimento de solidariedade artilheiresca — permitiram a expressão.

Movidos por piedade — que é a solidariedade humana — quantos individuos, esquecendo-se que pouco sabem nadar, não se lançam á agua, para salvar um semelhante? Muitas vezes não lógram alcançar o seu desideratum, inúmeras outras pagam com a vida a sua temeridade, filha de uma bôa intenção...

Ahi fica apontado aos bons nadadores, um naufrago, que, antes de desaparecer para todo o sempre, agita, já quasi submerso, a dextra, acenando que o salvem.

Parece-me ouvir-lhe a voz rouquenha
que o echo repete velado: Socorro!
Pobre do Isac.

Pery Constant Bevilaqua
1.º Tenente.

A guerra na frente italiana, de Caporetto á batalha do Piavia

(Conferencia realizada no Club Militar pelo capitão Zoli, do Exercito italiano)

Devo primeiro pedir-vos perdão por ser forçado a fallar-vos em uma lingua, que não é a minha e que não é a vossa (*).

Isto tornará mais difícil a minha tarefa e a vossa comprehensão.

Mas ouso esperar que, com um pouco de bôa vontade de parte a parte, chegaremos a entender-nos — porque todos os militares do mundo têm idéas communs e uma mentalidade comum, que lhes permitem entenderem-se, mesmo quando fallam linguagem inteiramente diferente.

Devo, em seguida, agradecer muito respeitosamente a S. E. o Sr. Marechal Hermes da Fonseca e aos officiaes superiores da Directoria desta magnifica Instituição Militar, terem-me permitido travar conhecimento com meus collegas do valente Exercito brasileiro e palestrar com elles sobre a guerra na frente italiana. Numa palestra com um dos mais intelligentes e cultos dos vossos camaradas, cujo nome não designarei para não ferir sua modestia, concordamos que seria interessante tratar da grande batalha do Piavia, do mez de Junho de 1918, — que foi sem duvida um dos episódios mais grandiosos da guerra na frente italiana; mas, para entender o que vos vou dizer, é preciso serdes complacentes, e remontar a alguns mezes antes, na historia da guerra.

Está bem entendido, meus senhores, que eu não pretendo dar-vos lições: sei que d'elles não tendes necessidade. Na minha recente permanência em S. Paulo, tive occasião de conhecer alguns officiaes brasileiros; e vos asseguro ter ficado admirado do seu grão de cultura militar, e de verificar com que diligencia e inteligencia elles se mantêm ao corrente dos mais recentes estudos militares: mesmo depois que a guerra mundial e a litteratura da guerra, que se lhe seguiu, têm enormemente augmentado a materia de estudo e accrescido o numero de cogitações que se exige dos technicos militares.

A nossa reunião desta noite não será, pois, senão uma palestra entre camaradas, á qual os senhores officiaes generaes e superiores dão-nos a honra de assistir. E, no curso desta palestra, eu me proponho fornecer-vos alguns elementos que podeis ignorar e que me parecem, entretanto, indispensaveis ao julgamento exacto do papel que o Exercito italiano desempenhou na

guerra mundial. Nada mais farei do que vos fornecer esses elementos, baseados em dados officiaes e escrupulosamente exactos: seréis vós mesmos que d'elles tirareis as conclusões. Ouso esperar que ellas não serão desfavoraveis ao esforço desprendido por meu paiz.

Portanto, si assim o permittis, meus senhores, teremos que remontar ao outono de 1917, quando, no 2.º Exercito italiano, se produziu esse phänomeno complexo, militar e psychologico, que se conhece pelo nome de Caporetto.

A RETIRADA DO IZONSO

Deixaremos de lado o facto moral e psychologico, para só considerar o facto militar, que é o que mais interessa ao exame que queremos fazer. Para isso, é preciso que lançais um olhar sobre o desenho que vou traçar, no qual me esforçarei por traçar, tão exactamente quanto possível, a linha de frente mantida pelos exercitos italiano e austriaco, no mez de Outubro de 1917, quando se desencadeou a offensiva austro-alemã, sobre esta frente.

A irupção effectuada pelo Exercito italiano nas primeiras vinte e quatro horas das hostilidades, e as onze formidaveis batalhas do Izonso e do Karst, si não haviam dado resultados territoriaes muito sensiveis, tinham tido, no entanto, por effeito abalar o moral dos combatentes austro-hungaros e gastar consideravelmente o material de guerra da Monarchia Dual. Por outro lado, a ultima dessas batalhas, levando o 2.º Exercito italiano ao planalto de Heiligergeist (Bainsizza), entre a cabeça de ponte de Tolmein e as organizações austriacas do Karst, formava um vasto e preocupante sacco nas posições da defesa: d'onde, quer contornando a dita cabeça de ponte, e marchando em seguida, na direcção de Laibach; quer fazendo cahir as posições mais meridionaes, e marchando, depois, na direcção de Trieste, — estarem os exercitos italianos em condições de desferir um profundo golpe, talvez decisivo, na resistencia do Imperio inimigo.

A offensiva de agosto, que conduzira á conquista do planalto de Heiligergeist, fôra paralysada por falta de munições. A quantidade que possuimos, no fim da ação, deveria ser considerada como apenas sufficiente para fazer face a um possivel retorno offensivo do adversario. E, na opinião do Alto Commando italiano, esta possibilidade ia-se tornando, todos os dias, mais provavel. Com effeito, o Alto Commando austriaco, fortemente preocupado com a situação que acabamos de descrever, renovava constantemente seus pedidos de socorro ao Grande E. M. alemão; e este, se bem que a contra-gosto, parecia, desta vez, convencer-se da necessidade de prestar o auxilio pedido.

Na pagina 294 de seu livro «Meine Kriegserinnerungen», o general-marechal de campo von Ludendorff escreve a propósito: «A Austria, cada dia com a garganta mais apertada pela Italia, representava já na Coligação um peso morto, que era preciso sustentar, sob pena de vel-a desmoronar-se inteiramente».

Mais adiante, o mesmo general escreve: «A ameaça dos exercitos italianos sobre Trieste tornava-se cada dia mais grave; e a queda eventual desta cidade seria tal que a Austria não teria podido supportar-a. O General-Feldmarschall e eu fomos de opinião que era preciso, ainda uma

(*) O cap. Zoli fez a sua conferencia em francês.

vez, já em auxílio de nossos aliados». Baseado nesta decisão foi criado o 14.º Exército alemão, composto de 7 divisões alemãs e 6 bôas divisões austriacas, cujo comando foi confiado ao general Otto von Below, e destinado a operar na frente italiana. Ao mesmo tempo, o Alto Comando austriaco aumentou, tanto quanto lhe foi possível, o número das unidades alinhadas na dita frente, concentrando nela todas as que pôde retirar das frentes do Oriente e Balkânica, devidamente reconstituídas e reorganizadas. A concentração dessas forças à disposição do Alto Comando austriaco punha-o em condições de executar uma operação offensiva de grande envergadura, que lhe teria permitido, ao menos, restabelecer a situação de equilíbrio na frente do Isonzo.

mente diminuídos de uma massa de fogo de 96 peças pesadas.

A 24 de outubro de 1917, desencadeou-se a offensiva das tropas austro-alemãs no sector compreendido entre Hitsch e Tolmein, confiado às treze divisões do 14.º Exército mixto, consideradas como tropa de choque. O objectivo fixado para a operação, tal como resulta da ordem de operações austriaca, era exactamente o seguinte: «Die Italiener über die Reichsgrenze, wenn möglich, über den Tagliamento zu werfen», seja: «repellir os italianos até à fronteira do império e, se possível, até o Tagliamento». Como vede, a operação não visava mais do que um restabelecimento da situação na frente italiana (alcançar a antiga fronteira política entre os

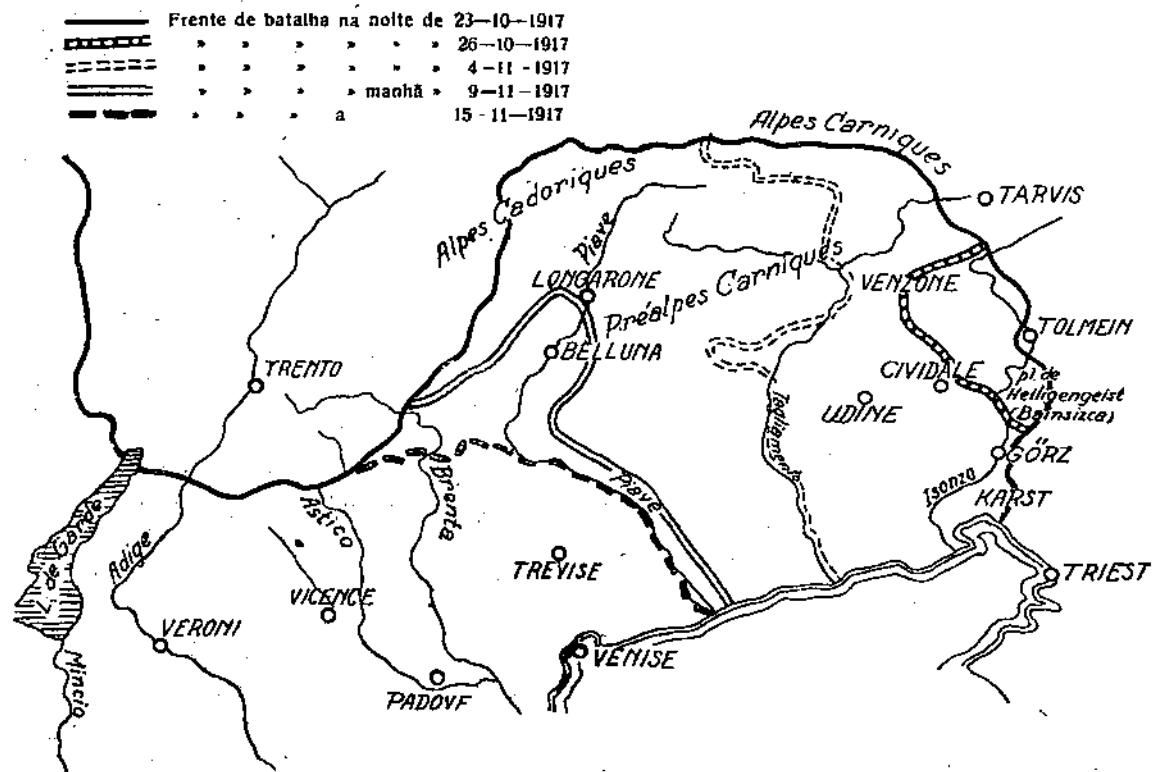


Fig. 1 — Retirada do Isonzo ao Piave

O Alto Comando italiano teve conhecimento dessas intenções dos adversários pelo meado de setembro de 1917. Foi então que, em vista dessa ameaça iminente e apesar dos entendimentos tomados com o comando aliado da frente ocidental, decidiu elle suspender definitivamente a offensiva tão brilhantemente começada desde o mês de agosto no planalto de Heiligengeist. Em consequência desta decisão, o comando aliado da frente ocidental retirou as 96 peças de artilharia pesada ingleza e francesa, que cooperavam com os exercitos italianos na frente do Isonzo. Eu não pretendo dar a esse episódio mais importância do que elle teve na realidade: quero tão sómente assinalar que, na véspera da offensiva austro-alemã, os exercitos italianos do Isonzo acabavam de ser inesperada-

mente diminuídos de uma massa de fogo de 96 peças pesadas.

dois países) e previa sómente, no caso mais favorável, a possibilidade de repellir as tropas italianas até o Tagliamento.

O desmoronamento, imprevisto e improvável, que se produziu na frente do 2.º Exército italiano; o desfalcamento das reservas conduzidas promptamente às segundas linhas, o panico e a depressão moral que se verificaram em varias unidades, apesar da resistência encarniçada e, em alguns casos, heroica, oposta por outras; conduziu os austro-alemães, desde o quarto dia da acção, muito além do primeiro objectivo fixado pelo Alto Comando austriaco à operação. Com efeito, este primeiro objectivo, segundo a ordem de operação, era exactamente o seguinte: «Erreichung der Linie Cividale-M. Sabotino (nördlich Görz)», ou seja: «apoderar-se

da linza Cividale-M. Sabotino, ao Norte de Gorizia.

Na noite de 27 de outubro, as tropas do 14.º Exercito mixto haviam-se apoderado de todo o massiço montanhoso á direita do curso médio do Isonzo e, por outro lado, todas as alturas que circulavam e protegiam a planicie do Frioul estavam dominadas; as testas das columnas do dito exercito tinham desembocado na planicie, a Este do Udine, de que só distavam dois ou tres kilometros.

Mas, desde a tarde do dia anterior, — 26 de outubro, — vendo a derrota se desenhar, o general Cadorna tomara a grave e corajosa decisão do recuo geral do exercito.

Na tarde de 26 de outubro, as testas de columna austro-alemãs chegaram a uns 20 kilometros das principaes passagens do Tagliamento, das quaes as tropas do 3.º Exercito italiano, ainda alinhadas nas suas posições do Karst, estavam afastadas mais de 25 kilometros.

Por outro lado, a forte pressão inimiga na direcção de Venzone separava, desde então, nitidamente, as operaçōes e a sorte das tropas italianas que mantinham os Alpes Carnicos, das do grosso do exercito que operava e se batia nos bordos da planicie do Frioul.

Foi então que, sob tais circumstancias, foi dada a ordem para a retirada geral do exercito sobre o Tagliamento; essa ordem determinava que as artilharias pesadas deviam ser dirigidas para Oeste do Piavia: o que prova que o general Cadorna, desde a tarde de 26 de outubro, comprehendia exactamente a gravidade da situação, julgando improvavel uma resistencia definitiva sobre o Tagliamento, enquanto que considerava como suficiente a retirada até a linha do Piavia.

Com efeito, na tarde de 27 de outubro a relação das distancias á linha do Tagliamento trazia muito mais preocupações, visto como, enquanto que as tropas do 3.º Exercito italiano só tinham cedido algumas posições em uma pequena parte da frente ocupada sobre o Karst, as testas de columna austro-alemãs tinham chegado a menos de 13 kilometros das principaes passagens do Tagliamento inferior. Não menos grave era a situação na direcção das passagens do curso medio daquele rio, tanto mais quanto a resistencia oposta pelas tropas italianas dos Alpes Carnicos, retardando suas retiradas, aumentava o perigo.

A criação e a entrada em accão d'um destacamento de exercito de reserva, lançado na defesa das passagens sobre o curso medio do Tagliamento; a ordem dada aos destroços do 2.º Exercito batido para combater respectivamente face ao Sul e face ao Norte, nisim de conter sobre os dois flancos a pressão inimiga; e, emfim, o sacrificio quasi total d'uma magnifica brigada de cavallaria do 3.º Exercito, reforçada por tropas ligeiras — bersalieros, cyclistas e autos-blindados — conseguiram repreuar e retardar o avanço austro-alemão e permitiram a salvação de todas as tropas do 3.º Exercito e da metade das que guarneçiam os Alpes Carnicos.

Para estas ultimas, a falta de ligação entre as unidades combatentes e os commandos mais da retaguarda, devido, em grande parte, á necessidade de operar n'um terreno de altas montanhas, á divergência dos vales e, tambem, á surpresa da irrupção inimiga, — foi causa da perda total

de algumas unidades de grande valor technico e moral: assim a 36.ª divisão italiana que, por falta de communicações com as outras divisões e os commandos superiores, tentou deter sua retirada sobre as alturas da direita do Tagliamento, a Oeste de Venzone; durante quatro dias, — da manhã de 2 á tarde de 5 de novembro, — esta divisão isolada e completamente envolvida por forças inimigas muito superiores, não cessou de combater com a maior energia e só se rendeu quando se esgotaram as munições, tendo perdido mais da metade de seus efectivos. Este feito é assinalado e citado a titulo de honra pelo proprio boletim do Grande E. M. alemão, na data de 7 de novembro de 1917.

Apesar de todos esses generosos esforços, é certo que as testas de columna austro-alemãs atingiam a margem esquerda do Tagliamento, em um ponto proximo das principaes passagens do curso inferior do rio, desde a tarde de 29 de outubro, quando as guardas de retaguardas do 3.º Exercito italiano delle ainda se achavam afastadas de 18 a 20 kilometros. Comprehende-se bem como a necessidade de apressar o movimento retrogrado deste Exercito e dos restos da ala direita do 2.º Exercito teve que impôr o sacrificio d'um material enorme e precioso.

E' preciso reconhecer que a pressão, e a perseguição das unidades inimigas na direcção principal de ataque e sobre o prolongamento desta direcção foram muito energicas e muito rápidas. E' indiscutivel que, se bem que não conseguissem um successo tão completo e tão rápido e que, muito provavelmente, não estivessem aparelhados para uma perseguição tão longa, — commandos e tropas do 14.º Exercito mixto souberam aproveitar-se admiravelmente das circumstancias favoraveis. As unidades alemãs demonstraram sua habilidade na execução da guerra de movimento. Em compensação, as grandes formações austriacas da ala meridional prosseguiram com uma notavel lentidão e sem firmeza: perderam um tempo precioso na travessia do Isonzo e não causaram grande dano ás guardas de retaguarda do 3.º Exercito.

Quanto ás nossas tropas, si bem que tivessem de combater retirando-se, seu moral pareceu antes elevado que deprimido, pela brusca passagem da guerra de posição á de movimento; mas nós tivemos então occasião de presenciar muitos erros, sobretudo technicos, e particularmente no corpo de officiaes, devido aos hábitos contraihidos em 30 mezes de guerra de trincheira e á instrucao apressada e unilateral, dada aos quadros de reserva chamados ás armas durante as hostilidades.

N tarde de 1.º de novembro de 1917, todas as nossas tropas tinham passado para a margem direita do Tagliamento. — Na noite do mesmo dia, os austro-alemães tinham alcançado a margem esquerda do rio, sobre todo o percurso de Tolmezzo, até á embocadura.

Todas as pontes estavam destruidas; mas as aguas do rio, que até á vespera tinham corrido torrencialmente, voltaram ao nível normal e o rio tornou-se vadeável em quasi toda a sua extensão. Nessas condições, elle representava um obstaculo material de pouca importancia.

Por outro lado, o grosso das forças alemãs, continuando a marchar e a combater sobre uma linha tangencial ao borgo meridional dos Pre-

alpes Carnicos, atacava vigorosamente, desde 2 de novembro o destacamento do exercito de reserva collocado na defesa das passagens do curso medio do Tagliamento. Em dois dias de combate essas passagens eram forçadas. A falta de reserva e a fadiga das tropas, em geral, não permitindo esperar conter essa irrupção ameaçadora, o Alto Commando italiano deu a ordem de retirada geral do Exercito para a linha do Pavia: o movimento devia iniciar-se nas ultimas horas da noite de 3 para 4 de novembro, sob a protecção d'uma rede de tropas de cobertura, na maior ordem e silencio, por escalões, a partir do centro para as alas.

As tropas do 3.º Exercito, cuja artilharia grossa e o material mais pesado haviam já sido enviados para a margem direita do Pavia, executaram a nova retirada em grande ordem e sem outros inconvenientes. O destacamento d'exercito de reserva, devidamente reforçado, preencheu-muito louvavelmente o seu papel, de conter e retardar por combates de usura a pressão das divisões alemãs no bordo das alturas. Os restos de nossas tropas dos Alpes Carnicos continuaram a retirar-se pelas montanhas, procurando ganhar, o mais cedo possível, o alto vale do Pavia; este movimento não pôde executar-se sem soffrer ainda perdas dolorosas, como a já citada — da 36.ª divisão.

O perigo maior, porém, vinha da ala esquerda; isto é, das tropas do 4.º exercito, que guarneciam as alturas e as gargantas dos Alpes Cadioricos: o general commandante deste exercito, na convicção parcial, e portanto falsa, que teria podido manter-se em suas posições de alta montanha, não se deu ao trabalho de transmittir em tempo opportuno a ordem de retirada geral, e deixar que se escoassem 48 horas preciosas. O perigo dessa demora precisou-se e accentuou-se na noite de 8 de novembro, quando as testas de columna dos austro-alemães chegaram a 4 ou 5 kilometros do curso medio do Pavia, enquanto que as guardas de retaguarda de nosso 4.º Exercito estavam ainda afastadas d'uns 30 kilometros e não dispunham senão d'uma estrada praticável para alcançar as posições que lhes estavam assignaladas, sobre a nova linha. Isto nos causou, no dia seguinte, 9 de novembro, a perda dolorosa de uma brigada de 10.000 homens, surprehendidos e cercados pelo inimigo em Longarone; a outra brigada da mesma divisão de retaguarda só pôde salvar-se penetrando na alta montanha e sacrificando uma boa parte de seu material.

Emfim, os ultimos escalões do 4.º Exercito em retirada tiveram que sustentar combates duros e difíceis, com forças austriacas que as seguiam de perto, no massiço montanhoso ao norte do M. Orappa: só a attitude firme e energica de algumas brigadas da retaguarda impediu que houvessem perdas mais graves.

Na manhã da 9 de novembro, S. E. o general Cadorna, sacrificado mais por exigencias políticas do que por justas considerações de ordem militar, deixava o commando do Exercito italiano, que elle organizára, ordenára, conduzira ao combate e à victoria, uma vez nos Altos Pianaltos, onze vezes sobre o Isonzo.

Nesse mesmo dia, a primeira divisão franceza de socorro desembarcava na gare de Treviso. A 14 de novembro, todas as tropas italianas estavam alinhadas no Pavia.

No dia seguinte, 15, os austro-alemães tomavam contacto sobre toda a linha.

A RESISTENCIA NO PIAVIA

O que eu disse até aqui, senhores officiaes, não pretende ser um resumo, mesmo, da grande batalha de Caporetto. São as linhas geraes da retirada, que acabo de traçar, para vos pôr em condições de bem comprehendêr o que vai seguir. Sois testemunhas que o tenho feito com a maior frieza e serenidade, sem nada occultar e nada alterar dos acontecimentos, apresentando os taes como elles produziram. E' com a mesma imparcialidade que eu pretendo continuar na minha exposição.

Deixando o commando do Exercito italiano, o general Cadorna deixou a seus officiaes e a seus soldados um patrimonio sagrado: a ordem da resistencia sem tregos na linha do Pavia: «Nas linhas do Pavia — havia elle dito — podeis e deveis resistir a todos os esforços do inimigo; é vossa honra militar que o exige; é a salvação da Patria em perigo que o impõe!»

E é justo reconhecer que, si a linha inimiga era tecnicamente bem escolhida, os officiaes e os soldados italianos puseram toda a sua energia, todo o seu saber e todo o seu valor para nella constituir um parapeito formidavel e intransponivel.

E' preciso attender que, na derrota de Caporetto, o Exercito italiano perdera 3.152 canhões, 1.732 lança-bombas, 3.000 metralhadoras, 2.000 metralhadoras leves, 3.000 fuzis (sem contar os dos prisioneiros e dos fugitivos), 22 campos de aviação e enormes quantidades de materiaes de subsistencia, de artilharia, engenharia, auto-parques, aeronautica, escalonados na zona ou reunidos nos armazens, que tinham sido recentemente completados para a estação do inverno.

E' preciso ainda attender que o Exercito havia perdido uma massa de cerca de 800.000 combatentes, dos quaes 265.000 prisioneiros, 40.000 mortos e feridos; 350.000 que debandaram para o interior do paiz e cujo moral estava completamente abalado. Essas perdas sommadas podiam ser avaliados em cerca de mais da metade de seus efectivos e de sua potencia combativa.

Foi contra esse Exercito grandemente reduzido, exgoftado no phisico, abalado no moral, quasi completamente despojado, que os vencedores, enervados pelo successo, repetiram seus esforços durante tres semanas, sem chegar a batel-o. E todavia, as condições nas quaes o Exercito italiano tinha entrado em linha no Pavia, nos primeiros dez dias de dezembro, eram taes que o commandante das tropas aliadas de socorro não ousou empenhar suas divisões na propria linha de combate: as onze divisões aliadas — seis francezas e cinco inglezas — guarneceram a linha do Mincio, quasi 150 kilometros á retaguarda da do Pavia.

Nós italianos somos muito reconhecidos aos nossos aliados de guerra, por terem corrido em nosso auxilio no momento do mais grave perigo.

A disponibilidade dessas onze bellas divisões, guarnecendo a linha do Mincio, permitio ao Alto Commando italiano empenhar todas as suas tropas nas primeiras linhas; e não houve demasiada resistencia aos violentos e repetidos assaltos inimigos. Mas é justo consignar que o socorro aliado não foi directo e que foram sómente tropas italianas, e as mesmas que haviam

experimentado o abalo moral e a fadiga physis da batalha e da retirada, as que mantiveram fortemente a linha do Piavia, durante todo esse feriel mez de novembro de 1917.

Foi sómente a 4 de dezembro que duas divisões inglezas vieram tomar posição em primeira linha na zona do Montello e duas divisões francesas tomaram posição em primeira linha na zona do Tomba-Monfenera. No conjunto, as forças aliadas não tiveram nunca na Italia um sector de mais de 35 kilometros de extensão, sobre os 350 que media a linha do Piavia, d'uma extremidade a outra.

Nas semanas que se seguiram a esses deslocamentos, as divisões alemães que tinham tomado parte nas operações de Caporetto foram retiradas da frente italiana.

Meus senhores, seria muito longo, e talvez pouco interessante para vós, expôr-vos o grande trabalho silencioso, obscuro e potente, que se fez na Nação e no Exercito italiano durante os meses que seguiram a essa grande desgraça. E' certo que o Exercito tirou das veias e das entranhas mesmo da Nação as forças phisicas e mentaes que elle necessitava para supportar a prova e para retomar a consciencia de seu valor real. Do mesmo modo, é indiscutivel que a Nação retomou confiança em seu Exercito e inspirou-se em seu exemplo para supportar os sacrifícios os mais pesados e os mais duros. O resultado excede as esperanças as mais ou-sadas: tão real que, na primavera de 1918 tinhamos a honra e o orgulho de assistir á partida de quatro divisões fracezas e de duas inglezas de nossa frente, e ao mesmo tempo de tres divisões italianas, formando Corpo de exercito, que já bater-se na terra da França invadida. Eu creio que na Montanha de Reims e no Chemin des Dames essas tropas italianas mostraram todo seu bom desejo de pagar a dívida contrahida para com os exercitos aliados.

A PREPARAÇÃO PARA A BATALHA

Ser-me-ia preciso, talvez, um longo discurso para bem collocar, no quadro da guerra mundial, a batalha do Piavia, que se desencadeou a 15 de Junho de 1918.

Prefiro lér-vos um documento capturado apôs a batalha mesmo. Trata-se d'um despacho-proclamação, do general alemão von Cramon, plenipotenciario do Grand E. M. alemão junto do Alto Commando austriaco, do qual eis a traducção literal:

«O Grand E. M. Imperial communica: O Exercito alemão de Oeste bateu, em duas grandes batalhas campaes, os Exercitos aliados na frente fraceza. Pela batalha de Arras — St. Quintino, a frente ingleza foi ampla e profundamente recalcada, perto de seu ponto de juncção com o Exercito fracez; nossas tropas penetraram 50 kilometros atraç da frente inimiga; nossas peças pesadas batem a cidade e a gare de Amiens; e d'aqui em diante uma unica via-ferrea mantem ainda uma ligação preteria entre os exercitos inglez e fracez, que operam em França. Pela batalha do Aisne, a frente fraceza foi, do mesmo modo, ampla e profundamente penetrada numa direcção muito sensivel e perigosa; nossas tropas victoriosas avançaram 30 kilometros e atingiram de novo as

immediações do Marne. Nossas peças de fogo alcance batem noite e dia a Capital da França. O Exercito alemão de Oeste prepara-se para realizar os maiores feitos e colher novos louros.»

«No entanto, o Grand E. M. Imperial não ignora que, a retaguarda da frente de Oeste, existem formações americanas, que ainda não entraram em fogo.»

«Por conseguinte, o Exercito alemão de Oeste conta seguramente com a cooperação de seu valoroso aliado austro-hungaro nas batalhas iminentes que vão decidir da sorte de toda a guerra. Ele espera que o Exercito austriaco ataque com a maior energia na frente Sudoeste. O resultado deste esforço, — seja pondo fôra de accão o Exercito italiano e permittindo, em seguida, a remessa de divisões austriacas para a frente occidental; seja chamando sobre o taboleiro italiano as formações de reserva americanas —, permitirá ao Exercito alemão de Oeste dar á França um golpe irresistivel, que nos assegurará provavelmente a victoria decisiva.»

«O Grande E. M. Imperial tem toda confiança em que o Exercito austro-hungaro comprehenderá toda a importancia da preciosa cooperação que lhe é pedida. — (assignado) «von Cramon».»

Ignoramos a data exacta desse documento, — que deve ser de fins de maio de 1918 — mas sabemos a data em que elle foi comunicado ás grandes unidades austriacas que operavam na frente italiana. Foi a 3 de Junho de 1918 que o Alto Commando austriaco reproduzia n'uma ordem reservada o despacho-proclamação do general von Cramon, e neile acrescentava por sua conta: «A situação geral da guerra nos impõe o começo de uma offensiva n'um muito curto prazo.»

A ordem de operações da 14.ª divisão austriaca na vespera da batalha dizia textualmente: «Nossa situação militar é magnifica. Nossa offensiva contribuirá efficazmente para terminar a guerra, si repellirmos ainda uma vez nosso inimigo hereditario, o traidor italiano, e si penetrarmos profundamente em seu território. Conseguiremos vencer, como os alemães, porque somos tão bravos e resistentes como elles. Os alemães seguirão com muito interesse as nossas batalhas; trata-se, então, de mostrar-lhes que somos capazes, e quanto de força possuimos ainda.»

E o commando do 3.º regimento de infantaria austro-hungara assim se exprimia:

«Hoje, do Adige ao Adriatico, nossos exercitos lançam-se ao ataque das posições italianas. Todas as forças e todo o material da Monarchia, que hoje, pela primeira vez na guerra mundial, se acha empenhada contra um só inimigo, foram reunidos para o ataque e preparamos por um trabalho incessante de alguns meses. E' bom que todo soldado saiba que a offensiva actual, — em cooperação com a dos alemães —, é o golpe mais violento, e talvez o decisivo e ultimo, vibrado contra os italianos.»

«Si nos pudemos convencer que devemos arrancar pela força, e custe o que custar, a decisão ao inimigo que temos ante nós, — e, em cooperação com os alemães, mesmo a todos os nossos inimigos, — teremos a paz.»

Parece-me que a leitura desses documentos serve melhor que qualquer discurso, para dar

uma ideia exacta da importancia da batalha do r. Vamos ver agora qual fôra a preparação Piavia, considerada no quadro da grande guerra do Exercito austriaco para a grande batalha. Essa preparação começara desde o mez de dezembro de 1917, tendo sido muito larga e minuciosa, sob o triplice ponto de vista: organico, technico e moral.

No ponto de vista organico, o Alto Commando austriaco, liberto pela primeira vez, apôs quatro annos de guerra, de toda preoccupação na frente oriental, — pela paz de Brest-Litowsk e a rendição da Rumania —, pôde proceder á re-organização total de suas grandes unidades: a divisão de infantaria foi elevada ao effectivo de 4 regimentos a 3 batalhões, mais um batalhão de tropas de assalto; o 4.º pelotão de cada companhia de infantaria, transformando em secção de metralhadoras leves; a artilharia divisionaria, elevada a tres regimentos, dois de artilharia ligeira e um de artilharia pesada de campanha, com um total de 108 boccas de fogo por divisão; os meios technicos, multiplicados: sapadores de engenharia, telegraphistas, radio-telegraphistas, secções de lança — bombas e lança — granadas leves (minenwerfer e grenadenerwerfer), secções de pequenos canhões de trincheira.

Um desenvolvimento analogo recebeu a aviação, tanto pelos aperfeiçoamentos introduzidos nos aviões, como pelo aumento das companhias e sua especialização.

Ao mesmo tempo, cuidou-se rigorosamente da instrucção dos quadros; muitos officiaes austriacos e hungaros foram enviados a cursos junto ao Exercito alemão, na França. Estudaram-se, esforçando-se por applicar, os novos methodos táticos empregados pelos alemães nas grandes operações offensivas da primavera. A applicação desses novos methodos revelou-se, sobretudo, nas disposições seguintes:

a) a procura da surpresa, obtida além dos meios habituas, por breves e intensas preparações de artilharia e por um largo emprego de projectis a gaz e fumígenos;

b) a instrucção, adestramento e preparação cuidadosa das unidades que deviam conduzir o ataque;

c) a criação de grupos de choque, constituindo as primeiras ondas de assalto;

d) a introdução da barragem rolante; Isto é, d'um fogo de artilharia formando cortina na frente da infantaria em marcha e deslocando-se na frente com a velocidade de marcha da própria infantaria;

e) a exploração rapida dos primeiros resultados pela acção dos grupos de choque, penetrando profundamente nas posições da defesa e procurando desorganizar as tropas e os comandos e paralysar o movimento das reservas;

f) o escalonamento em profundidade do ataque, quer para alimentar longamente o esforço offensivo, quer para alargar e aprofundar a brecha criada pelo primeiro choque;

g) o cuidado minucioso introduzido em todos os serviços de ligação.

Além disso, desde os primeiros dias de abril, as tropas austro-hungaras foram exercitadas em combater e marchar em condições semelhantes a que teriam de agir.

Instruiram-se e apparelharam-se, particularmente, as tropas do grupo de exercito do marechal de campo Borövic, destinadas a forçar a passagem do Piavia, na transposição de cursos d'água. Esses exercícios tiveram logar no rio Livenka, que apresenta caracteres inteiramente semelhantes aos do Piavia; milhares de homens das tropas de engenharia e de infantaria succederam-se nos cursos de pilotagem de barcos e jangadas.

Commandos e tropas foram dotados de material cartographico muito abundante e especialmente preparado; ordens, instruções, desenhos, distribuidos fartamente aos officiaes e graduados, prescrevendo-lhes um estudo cuidadoso e diligente das zonas respectivas de acção, «de sorte, — prescreviam textualmente as instruções austriacas —, que uma vez a acção desencadeada, todos saibam de cór seu papel e o do vizinho, e estejam em condições de se reconhecer no terreno sem ter mais que consultar cartas ou documentos.»

Adoptaram-se medidas particulares para o vestuário e o equipamento do soldado, do mesmo modo que para os serviços auxiliares; tomou-se o maior cuidado com o fim de tornar as unidades tão ligeiras e rápidas quanto possível; foi-se até crear destacamentos de requisição, encarregados de aproveitar ao maximo e dum modo lógico os recursos dos territórios cuja procuração se presumia.

Ao lado desta minuciosa preparação organica e technica, não se deixou de cuidar da preparação moral, galvanisando-se a coragem das tropas pela exaltação do valor austro-alemão, pela promessa d'uma rica presa, pela fé n'uma victoria facil, seguida d'uma paz proxima.

Do lado do Exercito italiano, a preparação defensiva teve naturalmente de levar em conta as condições topographicas dos diferentes sectores: o sector N., caracterizado por uma faixa de terreno montanhoso, cuja profundidade de maxima de 14 kilometros se reduzia a 5 kilometros, apenas, na zona do M. Grappa; o sector Sudeste, em compensação, era caracterizado por um terreno inteiramente plano, muito coberto, cortado por uma serie de cursos d'água paralelos ao Piavia e por uma espessa rede de canaas, seguido em todas as direções. Tendo por base esses diferentes caracteres, os principios geraes da preparação defensiva italiana foram os seguintes:

a) assegurar a inviolabilidade da frente montanhosa;

b) reforçar a defesa do curso inferior do Piavia, de modo a poder conter com segurança os progressos eventuaes do choque inimigo, entre limites que não tivessem influencia sobre a defesa do sector montanhoso;

c) conservar á disposição do Alto Commando uma forte reserva organica para a conducta da batalha, de sorte a poder, no primeiro tempo, alimentar a resistencia dos exercitos, e, em seguida, contra-atacar e forçar o inimigo a retirar em condições as mais difficéis.

Além disso, o Alto Commando italiano ordenará o maior cuidado no fogo de contra-preparação da artilharia, do qual se esperava um efeito decisivo, sobretudo no sector montanhoso, onde os objectivos são forçosamente menos numerosos, fixos e muito mais facilmente reparaveis.

O PLANO DE OPERAÇÕES

Vamos agora, meus senhores, examinar as origens e o desenvolvimento do plano de operações austriaco: exame que podemos fazer com a maior exactidão, de acordo com os documentos officiaes austriacos que estão hoje em nosso poder. E vereis que este exame é do mais alto interesse e elle só, vai revelar as razões profundas do insucesso da operação austriaca.

Foi desde o mez de fevereiro de 1918 que o marechal de campo Conrad von Hötzendorf, commandante do grupo de exercitos occidental, prescreveu ao quartel general do 11º exercito, a suas ordens, o estudo d'uma operação offensiva a cavalleiro do Brenta, que tivesse por fim melhorar as posições do proprio exercito, nesse sector, e ganhar as linhas d'onde eventualmente uma offensiva ulterior pudesse facilmente desembocar na planicie de Vicence e

rapidamente as posições italianas na frente montanhosa; reunião na planicie, e o envolvimento das unidades italianas que se apregassem á defesa do Piavia. Este ataque principal deveria ser acompanhado de um ataque secundario no curso inferior do Piavia, em direcção de Treviso. Para a execução desse plano, o marechal julgava indispensavel uma massa de manobra de 20 divisões.

Como vêdes, o plano, logico e racional, não tinha grande cousa de novo: tratava-se ainda do plano de irupção da frente montanhosa em direcção á planicie veneziana, com ameaça de envolvimento da ala oriental do exercito italiano; o mesmo plano que o marechal Conrado ensaiara effectuar para a batalha dos altos-planaltos (maio de 1916), quando chefe do E. M. do exercito austriaco — somente modificado pela introducção do ataque secundario na frente oriental; talvez como lembrança da brillante manobra dupla por linhas interiores, —



Fig. 2 — Plano original do Marechal Conrado von Hötzendorf

de Treviso. O 11º exercito fez o estudo; o marechal de campo verificou-o e aprovou-o, e, endereçando-o ao Alto Commando, nos primeiros dias de março, acrescentou que, si fosse possível reunir as forças suficientes para a primavera proxima, seria preferivel executar uma offensiva de grande envergadura, que elle acreditava bastante facil e de sucesso seguro. Elle comparava a situação do Exercito italiano, nos bordos das alturas, á de «um naufrago agarrado com ambas as mãos a uma taboa, ao qual bastaria cortar os dedos com uma machadada para lançal-o nas ondas.»

Com efeito, a pouca profundidade da nossa ocupação na alta planicie de Asiago e no M. Crappa podia permitir aos atacantes desembocar na planicie em uma só jornada de combate. O marechal propunha, portanto, uma operação offensiva nas linhas seguintes: um ataque principal, a cavalleiro de Brenta, preparado com o maximo cuidado, tendo de recalcar

executada, então, pelo general Cadorna, que fez fracassar a offensiva e nos deu em seguida a victoria de Gorizia (agosto de 1916).

Em meados de março de 1918, o Alto Commando austriaco, aceitando, em principio, o projecto de operação offensiva em grande estylo, proposto pelo marechal Conrado, fixava-lhe, assim, as linhas geraes: «um ataque, unico, levado contra as duas frentes, para ferir no vivo o adversario: a accão principal, a cavalleiro do Brenta; a secundaria, do Piavia inferior sobre a linha Treviso — Mestre. As operações deviam ser precedidas de um forte ataque diversivo, da garganta do Tonale, em direcção ao Tirano, e por demonstrações no valle do Adige». Estas disposições geraes e preliminares eram comunicados aos grupos de exercitos, para estudo e consequente preparação.

O marechal Borovic von Boina, commandante do grupo de exercitos oriental, cuja opi-

não pessoal sempre fôra que se devia atacar as posições italianas na planicie, fazendo cair pela manobra a defesa da frente montanhosa, exagerou evidentemente a interpretação do papel assinalado ao seu grupo de exercitos. É verdade que «o ataque secundario em direcção a Treviso» não tardou em transformar-se numa operação muito ampla, por meio da qual o Exercito do Isonzo seria obrigado a torçar a passagem do Piavia em uma extensão de cerca de 25 kilometros, e a marchar sobre seus objectivos, com uma massa de dez divisões, pelo menos, em primeira linha.

Todavia, do plano de operação, mesmo assim alterado, permanecia excluído o 6.º exercito austro-hungaro, cujo commando estava confiado a S. A. I. o archiduque José de Habsburg. Este príncipe reclamou junto ao seu comandante de grupo de exercitos esta exclusão; e o marechal Boróvic fez-se interpretar dos desejos de seu imperial subordinado junto ao Alto Commando. A conclusão foi que se tomou em consideração, também, a participação directa do

rechal Conrado?... Nada, ou bem pouco. A ofensiva tinha-se diluído por uma frente imensa, de 120 kilometros, do Astico ao mar, sobre a qual eram chamados a operar tres exercitos; e sobre esta grande extensão e por essas grandes unidades era preciso que o Alto Commando repartisse os meios e as forças de reservas disponíveis. Esta repartição devia fazer, se de antemão, por causa da divergência das linhas de comunicação dos dois grupos de exercitos, e da falta de vias de «rocada», immobilizando o plano de acção e assinalando, da parte do Alto Commando austriaco, uma grave e irarrável renúncia à direcção das phases da batalha.

Os objectivos da primeira jornada eram:

Para o 11.º Exercito, a conquista do bordo das alturas a cavaleiro do Brenta; para o 6.º Exercito, alcançar a via-ferrea Montebelluna-Treviso; para o «Exercito do Isonzo», alcançar a via-ferrea Treviso-Mestre. Mas resalta do exame dos documentos, que o Alto Commando austriaco propunha-se a obrigar o Exercito italia-

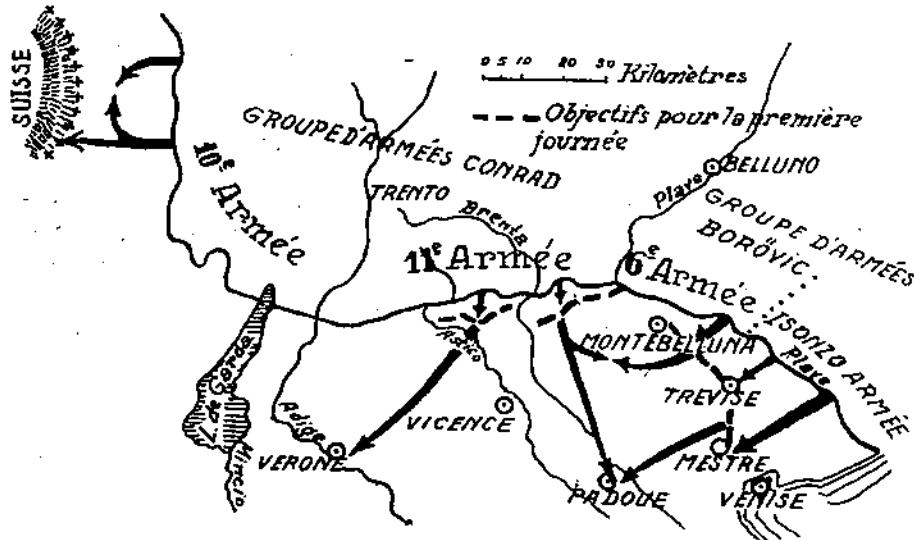


Fig. 3 — Plano definitivo do alto commando austriaco

6.º exercito na operação, com «uma irrupção perniciosa sobre o Montello, depois do forcamento do Piavia e um papel, por assim dizer, de ligação entre o ataque do 11.º exercito e o do «exercito do Isonzo».

Quanto ao projecto da operação diversiva do Tonale para Tirano, — de que já vos falei —, tratava-se da realização d'uma operação, previsita e estudada desde muito tempo pelo general Waldstätten, chefe de secção das operações do Alto Commando austriaco. Tal operação, que o general Waldstätten julgava de execução fácil e de sucesso seguro, consistia em uma forte pressão, da garganta do Tonale até à fronteira suíça, perto de Tirano, tendo por duplo objectivo separar e envolver a ala esquerda do 7.º exercito italiano que mantinha o setor do Stelvio ao Tonale, e de abrir, pelo Alto Valtelline, a marcha às tropas austro-hungaras sobre Milão.

Quando tudo isto ficou arranjado, na primeira quinzena de maio de 1918, vede, senhores oficiais, o que restava do plano inicial do ma-

no a recuar pelo menos até ao Adige: «Em frente, para a zona de Verone! — Dizia textualmente a ordem de operação do 3.º regimento de infantaria austro-hungaro — «onde, há cem annos, o Augusto proprietário do nosso regimento obtem uma brillante victoria sobre os exercitos italiano e franceses reunidos!»

Modificado do modo como dissemos, o plano de operação vinha inspirar-se nesta concepção de manobra, por assim dizer, brutal, que os alemães pretendiam adoptar justamente nas grandes ofensivas da primavera em França: a concepção de exgottar o adversario pela execução de fortes pressões frontaes, obrigando-o a conduzir suas reservas simultaneamente sobre varios pontos e a gastal-as fatalmente em combates duros e prolongados. A ordem de operação do 3.º de infantaria, já citada, dizia a propósito:

«Não se trata, para os commandantes italianos, de poder conduzir a tempo as reservas para tal ou tal sector: toda a sua frente terá, em cada sector, necessidade do emprego de reser-

vag, e para essa tarefa as reservas existentes não bastam. Qualquer sector para onde o comando italiano conduza suas reservas, terá, como nos sectores vizinhos, necessidade de soccorro, e para estes os recursos virão a faltar, porque nossas forças e seu justo dispositivo nos terão permitido, não sómente penetrar em um ou em varios pontos, mas abarcar d'uma só vez, como n'um «étean», toda a frente inimiga».

Eu não quero deixar este argumento sem fazer menção de um outro facto que não carece de importância. O comando austriaco não podia ter esquecido Caporetto: o grave desfalcamento moral que se tinha então produzido em uma parte do Exercito italiano podia repetir-se; era, em todo caso, uma hypothese que precisava ser levada em conta. E o foi, permiti-me dizer, excessivamente. Não havia documento, comunicação, instrução, ordem em que não se tratasse dos dois casos que se podiam apresentar: «primeiro caso: os italianos não oppõem resistencia n'uma parte ou em toda a extensão da frente; segundo caso: os italianos oppõem resistencia em toda a frente.»

E certo, como disse, que o «primeiro caso era preciso ser levado em conta, e prever, em consequencia, qual deveria ser a attitude das tropas atacantes; mas é tambem indiscutivel que os commandos austriacos, em todos os grados da hierarchia, depositaram enormemente confiança neste «primeiro caso», e confiança souberam penetrar as tropas delles dependentes.

O que explica, ainda mais claramente, o mau exito, a desillusão e, por conseguinte, o desencorajamento que sobreveio a esses commandos e a essas tropas, quando a attitude firme e energica da defesa desmoronou todas as suas esperanças.

AS FORÇAS CONTRAPOSTAS

Na noite de 14 de Junho de 1918, as forças austro-hungaras na frente italiana eram as seguintes: Toda a frente estava mantida por dois grupos de exercitos: um «occidental», indo do Stelvio ao Piavia, ás ordens do marechal Conrado, comprehendendo os exercitos 10.^o e 11.^o; um «oriental», alinhado sobre o curso inferior do Piavia, ás ordens do marechal Boróvic, comprehendendo os exercitos 6.^o e 5.^o.

Mais particularmente:

DIVISÕES

		em reserva do grupo	em reserva de exercito	em linha
Grupo Conrado	10. Exercito (comte, tenente-marechal de campo Krobaila)		2	8
	11. Exercito (coronel-general Scheuschenstuel)	4	8	15
Grupo Boróvic	6. Exercito (coronel-general Archiduque José)	1	2	4
	Exercito do Isonzo (coronel-general Würm.)	1	4	11
	Total	6	16	38
			60	

Do lado dos italianos, as forças presentes na frente, na mesma data, eram as seguintes: Seis exercitos, em linha do Stelvio ao mar; um exercito de dez divisões, dependendo directa mente do Alto Commando; mais nove outras divisões de reserva do Alto Commando, que foram deslocadas para perto dos exercitos de primeira linha, continuando á disposição do Alto Commando. Mais particularmente:

DIVISÕES

	em linha	na zona dos exercitos	disposiçao do alto commando	
7. Exercito				4
1. »				8 (1)
6. »			2	9 (2)
4. »			2	7
8. »			2	3
3. »			3	6
9. »	10			
	10 (3)	9	137	19
Total				56

A proporção das forças contrapostas na frente de batalha (do Astico ao mar) era exactamente a seguinte:

Aviões	Artilleria peças	Divisões			Divisões			Artilleria peças	Aviões
		Reserva de grupo	Reserva de exercito	Em linha	Em linha	Na zona dos exercitos	Em reserva do A. C.		
580	4.200	4	8	15	9	2	—	4.000	676
		1	2	4	7	2	—		
	3.300	1	4	11	3	2	—	3.000	
		6	14	30	6	3	10		
				25	9	10			
580	7.500	50			44			7.000	676

Austriacos — 11^o e 6^o exercitos — Exercito Isonzo.
Italianos — 6^o, 4^o, 8^o, 3^o e 9^o exercitos.

- 1) das quaes 1 techeque-slovaquia em formação.
- 2) das quaes 3 inglezas e 2 francesas.
- 3) falta accrescentar 3 div. de cavallaria.

PHASES DA BATALHA

Agora, senhores officiaes, parece-me ter dito o que vos podia interessar sobre a batalha do Piavia, porque para vós, militares, o que se leva em conta são as previsões, as preparações, as disposições e as ordens, os erros na concepção do plano: os acontecimentos que se seguem não são senão consequencias lógicas e praticas, eu diria quasi fatais. Do mesmo modo, os matemáticos se interessam e se apaixonam

na pesquisa da formula que resloverá o problema: uma vez encontrada esta, a solução mesma do problema só tem para elles um interesse inteiramente relativo.

D'aqui por diante, não farei mais que indicar, muito rapidamente, os acontecimentos mais salientes da batalha, com o unico fim de vos recordar tudo quanto acabamos de ver até aqui.

E antes de tudo devo fazer os maiores elogios ao serviço de informações do Exercito italiano, que, depois de ter assignalado e seguido durante semanas a preparação da offensiva inimiga, poude, na imminencia mesma da batalha, assignalar, com precisão, o dia e a hora do começo do ataque.

te surprehendidos e perturbados pela violencia e precisão de nosso fogo de contra-preparação, o qual, além de inflingir perdas muito graves, lhes revelou que a organização da defesa estava prompta para a luta e animada d'uma capacidade de reacção inesperada. Em uma palavra o atacante experimentou, nesta primeira pha-se da acção, uma surpresa tactica d'uma gravidade irreparável.

Columnas de tropas em marcha para os lugares de concentração foram obrigadas a deter-se e a dispersar-se; baterias que concluiam seus preparativos para acção foram paralysadas; as principaes linhas de communicação telephonicas

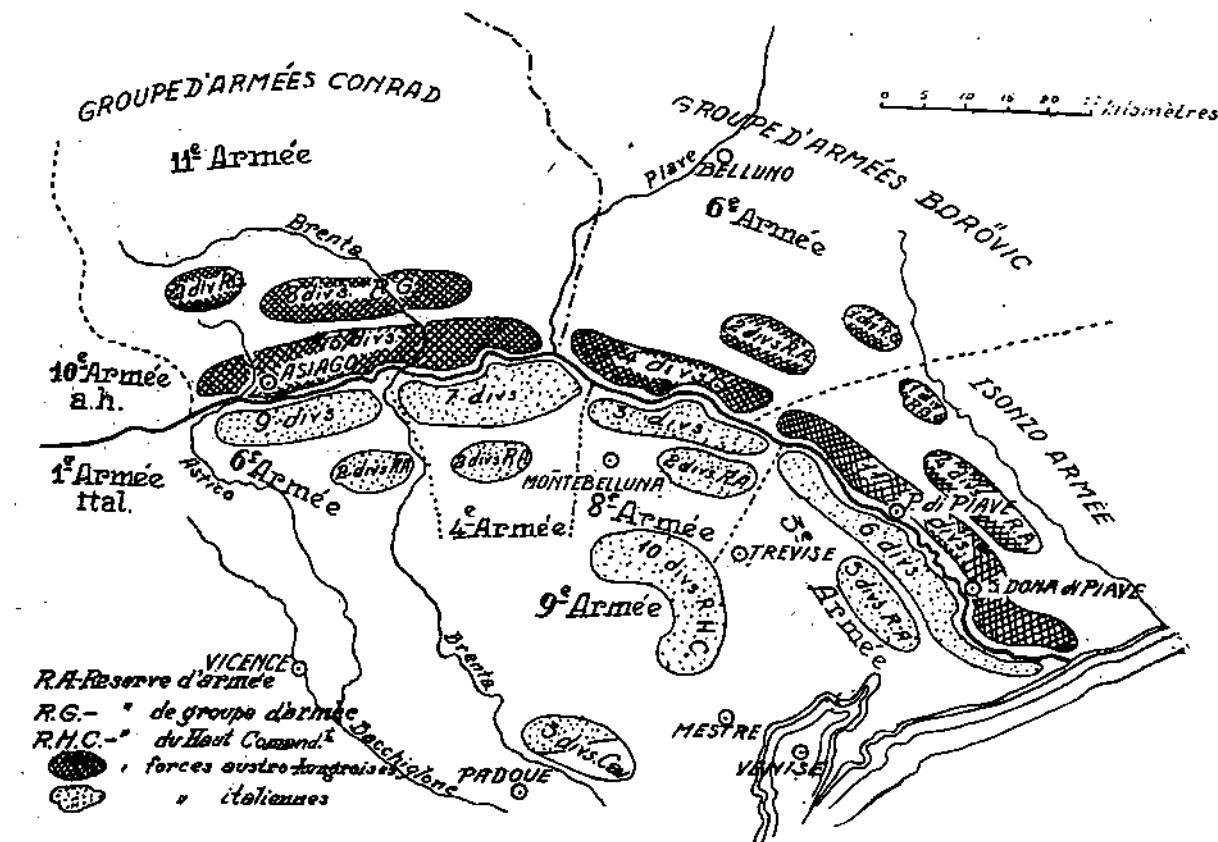


Fig. 4 — Deslocamento das forças contrapostas na noite de 14 de Junho de 1918

Com efeito, ás 3 horas da manhã de 15 de Junho de 1918, a artilharia austriaca começava o bombardeio de toda a frente italiana, do Astico ao mar. Mas, já uma meia hora antes, de conformidade com as ordens do Alto Comando, tinha-se desencadeado sobre toda a frente o formidável fogo de contra-preparação das baterias italianas, visando desorganizar o ataque, e ferir os seus órgãos mais importantes: comando, tropas de choque, reservas, artilharias.

Os austro-hungaros, que tinham tentado preparar sua offensiva no maior segredo, indo até ao ponto de impedir ás suas baterias o tiro preventivo de enquadramento e de ajustamento, foram ao contrário, por sua vez, gravemen-

foram interrompidas; os observatórios avançados foram cegados. O efeito moral — por declaração do próprio inimigo — foi tal que lhe fez duvidar se o fogo italiano não constituiria a preparação d'uma grande offensiva e se, por consequencia, sua offensiva não estaria irremediavelmente compromettida. O bombardeio austriaco, com efeito, se bem que fosse de grande violencia, apareceu, desde o começo, pouco exacto, desordenado e disseminado, e quando, entre as 7 e 8 horas, segundo os sectores, a infantaria austriaca passou ao ataque, seu «élán» estava muito contido, e talvez muito enfraquecida também sua confiança na vitória.

Naturalmente, compreendeis, senhores, que esses efeitos do fogo de contra-preparação se produziam, sobretudo, no sector montanhoso.

No sector da planicie, a cobertura do terreno, sua grande praticabilidade, o numero e a disseminação dos objectivos deviam logicamente paralysar os formidaveis efeitos deste fogo de destruição. Mas no sector montanhoso, do Astico ao Piavia, onde justamente se devia produzir o mais poderoso esforço do adversario, a desorganização das tropas atacantes foi tal que elles só penetraram nas posições da defesa em quatro ou cinco pontos unicamente, e n'algumas centenas de metros. O maior successo obtido pelo ataque foi realizado na zona a oeste do M. Grappa; mas lá, tambem, a prompta reacção das infantarias italianas conseguiu conter e paralysar rapidamente a irupção inimiga. De sorte que ás 6 horas da tarde de 15 de junho, primeiro dia da batalha, o marechal Conrado von Hötzendorf ordenava ás tropas do 11.^o exercito suspender a acção da offensiva. Na semana que seguiu, lançando cada dia violentos contra-ataques, as tropas italianas conseguiram restabelecer quasi inteiramente a situação, em todo o sector do Astico ao Piavia.

No sector do Piavia inferior, em compensação, as tropas do 6.^o exercito austriaco e do «Exercito do Isonzo» conseguiram tomar pé na margem direita do rio, em varios pontos: umas, sobre as colinas do Montello; outras, em duas faixas de terreno correspondentes á Ponte do Piavia e á de S. Dona do Piavia. A primeira irupção media cerca de 5 kilometros de largura, por 4 de profundidade; a segunda, 12 kilometros de largura por 3 de profundidade maxima; a terceira, cerca de 6 kilometros de largura por 5 1/2 de profundidade maxima.

Esses successos realizados no primeiro dia de acção pelas tropas do grupo de exercitos do marechal Borövic, si apresentavam uma certa importancia tactica, estavam longe de responder ás esperanças de decisão estrategica concebida pelo Alto Commando austriaco. A vasta manobra de envolvimento que, pela irupção concentrica da ala esquerda do 6.^o exercito e da ala direita do «Exercito do Isonzo», devia levar as tropas austriacas até ao coração da região de Trevise, tinha falhado completamente; e a pouca profundidade conquistada pelas irupções mais meridionaes do «Exercito do Isonzo» não tinha mesmo valido para destacar do curso dagua as artilharias italianas, que podiam continuar a bater, noite e dia, as passagens estabelecidas sobre o Piavia pelo invasor.

Neste momento da acção, — tarde de 16 de junho —, o marechal Borövic, tendo tomado a decisão de suspender a offensiva do 11.^o exercito, pensou poder continuar, só, a operação. Elle pediu autorização ao Alto Commando, para isso, e um reforço de 7 divisões frescas e que, durante o esforço que exerceria, a frente do 11.^o exercito não permanecesse inteiramente inactiva: o marechal poude expôr mesmo seu projecto directamente a S. M. o imperador, que no dia anterior se tinha dirigido, pessoalmente, á frente italiana, e com elle se pôz em comunicação telephonica. O Alto Commando teve algumas horas de hesitação; depois, decidiu pôr

duas divisões frescas á disposição do grupo Borövic e convidar o marechal a manter e a alargar, por meio dessas forças adicionaes, as vantagens realizadas por seus exercitos á direita do rio.

Não era precisamente o que o marechal tinha projectado e pedido; mas, por outro lado, a repartição das reservas efectuada pelo Alto Commando, do modo como dissemos, não permitia verdadeiramente uma disponibilidade mais larga do que as duas divisões frescas que ofereceu ao marechal. Em todo caso, é evidente que, nessas condições, não se tratava mais, para o marechal Borövic, do que estabelecer-se, e manter, resistindo aos contra-ataques italianos, uma larga e profunda cabeça de ponte sobre a direita do Piavia. O marechal decidiu, por isso, alimentar o estorço offensivo nos sectores de irupção do «Exercito do Isonzo»: tal estorço tinha por fim, além do curso dagua o centro do 3.^o exercito italiano, que ali tinha permanecido solidamente aferrado.

Para isso, o marechal lançou sobre a direita do Piavia, nos dias seguintes, as 4 divisões de reserva do «Exercito do Isonzo».

A entrada em linha dessas forças frescas teve por consequencia, a 17 de Junho, destacar o centro do 3.^o exercito italiano do rio e estender o sector de irupção de cerca de 2 kilometros mais ao Norte. Neste ponto culminante da operação, os austriacos estavam senhores da margem direita do Piavia, ao longo de uma faixa de terreno de mais de 22 kilometros de largura, e profundidades, variando de 1 a 5 kilometros.

Mas as vantagens realizadas não eram de ordem a assegurar condições de existencia possiveis ás massas de tropa passadas para a direita do Piavia, concentradas n'uma estreita faixa de terreno, desprovido de todo recurso, ex-gottados por tantos dias de luta, desmoralisadas pelo insucesso, esfomeadas pela insuficiencia do reabastecimento, insuficientemente apoiadas por suas artilharias, dizimadas pelas violentas concentrações do fogo das baterias italianas. Do mesmo modo, sobre o Montello, todos os esforços das tropas do 6.^o exercito, inteiramente empenhado na acção, não conseguiram alargar a zona de irupção.

O exercito austro-hungaro tinha daqui por diante ex-gottada toda a sua força aggressiva. Apezar da intervenção de seis divisões frescas, apezar dos esforços repetidos, os ataques frontaes encarniçados e as pequenas manobras envolventes tentadas em varios pontos da frente de combate, as massas austriacas não conseguiram modificar sensivelmente a linha de batalha. A luta grandiosa se localisava e se despedaçava em cem combates parciaes, encarniçados e ferozes: na mesma jornada da batalha, blockans, villas, casas isoladas passavam até dez vezes de mão em mão: os canaes, os fossos, os atalhos, os campos, as casas enchiham-se de milhares de cadáveres, testemunhos macabros do encarniçamento extraordinario da batalha.

De sorte que, diante da preparação dos grandes contra-ataques das reservas italianas, o comando austriaco, desde a noite de 20 de agosto, ordenava a retirada de todas as tropas, por escalões, a partir da direita, sobre a margem esquerda do Piavia. Mas a retirada só pôde efectuar-se na noite de 22 para 23 de Junho. É preciso reconhecer que a difícil operação foi conduzida pelo adversário com muito método e energia, sob a protecção de fortes destacamentos de cobertura, que se sacrificaram quasi inteiramente no desempenho de sua penosa tarefa. Na tarde de 24 de Junho, as tropas italianas tinham recuperado todas as suas antigas posições, na margem direita do Piavia.

Emfim, de 2 a 6 de Julho, na ala direita do 3.º exercito italiano desenvolvia-se uma ação de carácter nitidamente offensivo, conhecida pelo nome de «batalha entre os dois Piavias», tendo por objectivo encurtar a frente ocupada pelo exercito, tirar ao adversário toda velleidade de retorno offensivo, e, afastando-se a menos de 6 kilómetros das linhas inimigas, livrar Veneza de qualquer ameaça imediata.

Esta operação offensiva teve exito completo, apesar do inimigo apressar-se em lançar uma divisão fresca e uma reconstituida em reforço da ocupação da zona ameaçada.

A batalha do Piavia valeu ao Exercito austriaco a perda de cerca de 150.000 homens, entre mortos e feridos, quasi 25.000 prisioneiros, 70 canhões, 75 lança-bombas, 1.236 metralhadoras, 151 lança-flamas, 37.000 fuzis, 119 aviões, e 9 drakens abatidos por nossos apparelhos, e grandes quantidades de materiais de toda a sorte.

Tal o balanço, sob o ponto de vista material, que todavia não basta para dar uma idéa exacta da batalha; porque o Exercito austriaco, se bem que batido, retomava suas velhas posições, salvo os 70 kilómetros quadrados de terreno reconquistados pelos italianos na ultima phase da luta sobre o Piavia inferior. Podia, então, parecer — como se quiz fazer crer —, que não se tratava senão d'uma offensiva fracassada. Em compensação, as perdas enormes e a fallencia completa de todos os fins que o atacante tinha proposto, fizeram dessa batalha como da do Marne em 1914, uma das mais importantes e decisivas da guerra, pois que aí se extinguiram todas as energias e todas as esperanças do Imperio austro-hungaro, posto que a derrota militar teve também muito graves repercuções no campo político. Os violentos debates seguidos nas sessões parlamentares publicas e secretas da Monarchia Dual puseram a claro o desanimo profundo no País, pela fallencia dessa offensiva e pelas perdas sofridas. Não auxiliou ao nosso adversário nem mesmo essa unidade moral, que, nas circunstâncias não menos graves de Caporetto, salvou a Italia; porque, ao contrario, o equilíbrio incerto dos diferentes elementos constitutivos da Monarchia, na amarga desillusão, foi quebrado, e todo o organismo do Estado visse fatal e irreparavelmente comprometido.

Assim, a Alemanha, não sómente não podia mais contar com o auxilio da Austria, mas esta se tornaria no bloco das Potencias Centraes uma verdadeira causa de fraqueza e um perigo constante. Tal era a contribuição que a Italia

trazia, no verão de 1918, á causa da Entente. O general von Ludendorff devia, elle proprio, reconhecer mais tarde, quando recordava que o desastre da offensiva austriaca, não permitindo mesmo esperar um enfraquecimento da frente da Italia, em reforço da frente francesa, «tinha profundamente entristecido e preocupado o Alto Commando alemão».

CONCLUSOES

Senhores officiaes, os ensinamentos militares que se podem tirar desses acontecimentos são, no ponto de vista do nosso valoroso Exercito, mais que problemáticos; porque é muito difícil, para não dizer impossível — dada a extensão e a configuração de vossos Paizes sul-americanos — que ténhaes occasião de achar-vos em circunstâncias semelhantes.

Mas é um ensinamento moral, cuja significação e alcance são universais.

Vistes como, sete meses após a esmagadora derrota de Caporetto, o Exercito italiano pôde inflingir a seu adversário essa derrota decisiva. Eu ouso esperar ter-vos claramente demonstrado que esta espécie de milagre foi a consequencia da união íntima, que se realizou entre a Nação e o Exercito italiano; de sua co-operation voluntaria, de seu espirito de sacrificio e de devotamento reciproco. Este factor moral é d'uma importancia incalculável: de tal ordem que os homens de Estado e os commandantes superiores das forças armadas nunca devriam esquecer nem desprezar. Porque é sobretudo nesta reunião íntima, intelligente e devotada entre a Nação e o Exercito, que se basea o segredo da Victoria.

Art. 7.º dos Estatutos. — Aos redactores efectivos cabe a responsabilidade da edição, aos colaboradores a das opiniões que emittirem em seus artigos.

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos e agradecemos:

- Revista da Escola Militar* — Realengo.
- Medicina Militar* — Rio.
- O Marujo* — Rio.
- Revista Marítima Brasileira* — Rio.
- Hoje* — Rio.
- Memorial del Estado Mayor del Ejército* — Colombia.
- O Escoteiro* — S. Paulo.
- Revista de Medicina Militar* — Rio.
- O Soldado* — Bahia.
- Memorial del Ejército* — Chile.
- Revista dos Militares* — Porto Alegre.
- Memorial de Infanteria* — Espanha.
- Revista Militar* — Portugal.